

Francisco Cândido Xavier
e
J. Herculano Pires

Na Hora do
Testemunho



Editora Paidéia Ltda.

Título: Na Hora do Testemunho

Autor: Francisco Cândido Xavier e J. Herculano Pires

Capa de: Ícaro

Direitos reservados pelos Autores,
segundo os dispositivos legais.

Direitos de tradução só poderão ser cedidos pelos Autores.

Pedidos à:

Editora PAIDÉIA Ltda.
Rua Dr. Bacelar, 505-A – Tel. 549-3053
04026 – São Paulo, SP. – Brasil
www.editorapaideia.com.br

(Contracapa)

Na Hora do Testemunho

Chega um momento em que temos de dar testemunho da nossa convicção, da nossa fidelidade aos princípios que esposamos. Se não formos capazes de sustentá-los e defendê-los damos uma prova de insegurança moral e traímos a nós mesmos. A traição aos nossos princípios, aos textos básicos da nossa convicção é um insulto à nossa dignidade pessoal, que se revela inconsistente. Os que assim procedem só têm um meio de reabilitação: a retratação pública e a renúncia aos cargos que exercem no plano doutrinário que traíram.

Este volume é dedicado a todos os que souberem ser dignos na hora do testemunho,

- demonstrando a sua firmeza de convicção,
- rejeitando o crime da profanação,
- não se omitindo em face da traição,
- exigindo o respeito à Codificação,
- resistindo ao conluio da adulteração.

Aos que se entregaram às sugestões inferiores, à vaidade pessoal e aos interesses institucionais, pensando servir à Causa ao agradar aos homens, a nossa piedade e a nossa prece.

Aos trânsfugas que desertaram e hoje clamam por esquecimento, a nossa advertência quanto aos perigos do futuro.

Índice

Na Hora do Testemunho (Rudmar Augusto)	7
Os Textos de Kardec (Francisco Cândido Xavier).....	9
Convicção Doutrinária (Irmão Saulo)	10
Na Hora do Testemunho	13
Ignorância e Batismo.....	16
Antes do Cantar do Galo	18
Antes do cantar do galo (J. Herculano Pires)	18
Questão de ética.....	23
Vaidade das vaidades.....	25
Chico Xavier Pede um Livro	30
Crônicas da hora amarga (J. Herculano Pires)	30
Existência terrestre (Emmanuel).....	32
Adulteração do Evangelho (Irmão Saulo).....	34
Tarefas e decepções (Chico Xavier)	36
Desapontamento (Emmanuel).....	37
Coincidências significativas (Irmão Saulo).....	39
Em torno da Codificação (Chico Xavier).....	41
Codificação acima de tudo (Irmão Saulo).....	42
Do arquivo de Emmanuel (Chico Xavier).....	45
Bênçãos ocultas (Emmanuel).....	46
A taça da desilusão (Irmão Saulo)	48
Lembrança do Cristo (Chico Xavier).....	50
Oração por nós (Maria Dolores)	51
Saber amar (Irmão Saulo).....	54
Trabalho urgente (Chico Xavier)	56

Viagem acidentada (Cairbar Schutel)	57
Na hora do testemunho (Irmão Saulo)	58
Desavenças e antagonismos (Chico Xavier)	60
Desculpa e bênção (Emmanuel).....	61
Guerra e paz (Irmão Saulo).....	63
Problemas da evolução (Chico Xavier).....	65
Auto-renovação (Emmanuel).....	66
Em defesa de Chico (Irmão Saulo)	69
Carta-confissão (Chico Xavier)	71
A trama da adulteração (Irmão Saulo)	73
Consolador prometido (Chico Xavier).....	76
A sublime tarefa (Emmanuel).....	77
Momento de reflexão (Irmão Saulo).....	79
Responsabilidade doutrinária (Chico Xavier)	82
A difícil humildade (Irmão Saulo).....	83
Chico Xavier com Jesus e Kardec (Chico Xavier).....	86
O exemplo maior (Irmão Saulo)	87
As Cartas de Chico Xavier.....	90
Os documentos da angústia (J. Herculano Pires)	90
Psicologia da Liderança Espírita J. Herculano Pires)	101
Psicologia da liderança espírita.....	101
Tipos de liderança.....	104
Psicologia dos líderes	111
A cultura espírita	125
Poesia da Adulteração.....	127
O envolvimento das trevas (J. Herculano Pires)	127
O Evangelho e o mundo.....	129
A ceia dos cardeais	133
Ficha de Identificação Literária.....	147

Na Hora do Testemunho **(Rudmar Augusto)**

A crista do galo marca,
ponteiro do desafio,
a hora amarga da Arca
– profanação de gentio.

Sangue e fogo no esplendor
da aurora de um nova dia.
Pilatos lava o favor
nas águas da covardia.

Canta o galo, canta o galo,
terceira vez ele canta.
Pedro sente trespassá-lo
três golpes de espada santa.

Pesqueiros da Galiléia,
num mar de cinza e de rosa,
lembram no céu da Judéia
a pesca miraculosa.

A hora da Loba – Roma
que devorou os rabinos.
Ninguém a vence nem doma
no entrançar dos destinos.

Na hora do testemunho
rompe-se o véu do sacrário.
Tremem as mãos sobre o punho
da espada do legionário.

Na amargura e na mudez
da noite das agonias,
Pedro chora a sua vez
e ouvem-se litánias.

A Loba dorme saciada
digerindo os seus rabinos.
Sobre a túnica sagrada
completam-se os desatinos:
– O esquadrão legionário joga dados no Calvário.

Os Textos de Kardec **(Francisco Cândido Xavier)**

A sua veemência e sinceridade, na defesa da Obra de Allan Kardec, me fez pensar muito no cuidado que todos nós, os espíritas, devemos ter na preservação dos textos referidos, sob pena de criarmos dificuldades insuperáveis para nós mesmos, agora e no futuro. Meditando nisso, sou eu quem me sinto honrado em enviar-lhe estas publicações, no intuito de demonstrarmos em livro-documentário a elevação da sua defesa e o meu respeito no tocante à Codificação kardeciana, que nos cabe endereçar ao futuro tão autêntica quanto nos seja possível.

No caso de ser levado adiante o lançamento de um livro nessas diretrizes, o prezado professor poderá usar, ou apresentar no contexto do volume, qualquer trecho ou a total correspondência que lhe tenho enviado sobre o assunto, pois isso poderá clarear a atitude que tomei.

Convicção Doutrinária (Irmão Saulo)

Nesta antevéspera de mais um aniversário d'*O Livro dos Espíritos*, que transcorrerá no próximo domingo, é necessário lembrarmos a importância de constante vigilância na preservação e defesa das obras fundamentais da Doutrina. E isso só pode haver se os espíritas estiverem convictos do valor e da significação espiritual e cultural dessas obras. Infelizmente não foi o que se viu no recente episódio de adulteração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, com a venda total da edição ao público desprevenido e a sustentação pública da adulteração pela própria Federação Espírita do Estado de São Paulo. O que então se viu foi uma demonstração alarmante de falta de convicção doutrinária por parte dos responsáveis pela tradicional instituição.¹

Essa falta de convicção e de zelo pela Doutrina é o resultado de muitos anos de infiltração de princípios estranhos nos próprios cursos de Espiritismo dados pela Federação e por numerosas entidades a ela filiadas. O ensino deturpado só poderia levar o meio espírita à desfiguração dos textos de Kardec. No plano cultural, a adulteração é um crime que só pode ser desculpado pela ignorância. No plano espiritual é a profanação da verdade revelada. E em ambos os planos, mas particularmente no moral, a adulteração é um ato de traição. Mas todas essas qualificações se

¹ Todos os textos, mensagens e cartas deste livro foram escritos nos anos de 1974 a 1976. A versão adulterada de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* fora publicada pela FEESP em julho de 1974, como relatado no capítulo seguinte. (Nota do digitalizador)

reduzem apenas a uma: a ignorância quando o procedimento revela, em sua própria forma e nas tentativas de sua justificação, o mais lamentável desconhecimento do próprio sentido dos trechos adulterados.

Chico Xavier, que tentaram envolver nesse processo lamentável, tomou posição clara e definida em defesa da inviolabilidade dos textos de Kardec. Mas como persistiram os realizadores da façanha em apontá-lo como envolvido, o famoso e querido médium solicitou a publicação de um livro-documentário, a fim de que não se possa, no presente e no futuro, continuar a citá-lo como implicado na questão.

Houve também os que reconheceram o erro cometido e se opuseram ao prosseguimento do plano adulterador, que pretendia desfigurar toda a Codificação do Espiritismo, segundo documentos oficialmente divulgados. A atitude de Chico Xavier e desses poucos (pouquíssimos) que tiveram a coragem de penitenciar-se, contrasta com a falta de convicção da maioria dos chamados líderes espíritas que se omitiram e calaram diante do aviltamento de sua própria doutrina.

O sintoma evidente de insensibilidade decepcionou todos os espíritas sinceros. E mais grave se torna quando sabemos que a Doutrina Espírita não foi elaborada por Kardec, mas pelos Espíritos Superiores, sob a orientação constante do Espírito da Verdade (nome derivado dos textos evangélicos) e sob a égide do próprio Cristo, segundo a sua promessa registrada pelos evangelistas, particularmente no Evangelho de João.

O remédio contra esse estado mórbido depende de medidas que não foram tomadas: o afastamento dos responsáveis pela adulteração dos cargos diretivos da instituição; a reformulação imediata dos cursos de doutrina e de médiuns, com exclusão dos

livros, folhetos e apostilas adulterantes; o retorno imediato aos livros básicos de Kardec como únicas fontes legítimas de ensino espírita; o reconhecimento da posição subsidiária das obras de André Luiz, hoje superpostas às de Kardec; a condenação e exclusão total das obras de mistificação ou de mistura indébita de doutrinas estranhas. Enquanto isso não for feito, as raízes amargas da adulteração continuarão a fermentar no meio espírita e a alimentar a vaidade de pretensos instrutores e mestres. Temos de escolher entre ser espíritas ou ser mistificadores da doutrina.

Na Hora do Testemunho

Este é um livro diferente na bibliografia espírita. O testemunho de uma hora amarga, precisamente da hora em que os espíritas brasileiros, muito confiantes na solidez do seu movimento doutrinário, foram chamados a dar testemunho de sua convicção espírita. O desafio não partiu de nenhuma pressão externa, mas do próprio meio espírita. Acostumados a encarar o Espiritismo, no seu aspecto religioso, como o Cristianismo Redivivo, renascido em espírito e verdade, depurado das infiltrações pagãs e judaicas, viram-se de súbito ameaçados de deformações internas, promovidas nos próprios textos fundamentais da Doutrina pela Federação Espírita do Estado de São Paulo, até então considerada coma a principal guardiã da pureza doutrinária em todo o Brasil. E o que mais assustava era que os elementos incumbidos da renovação dos textos diziam-se autorizados pelo médium Francisco Cândido Xavier, exemplo de fidelidade e dedicação à Doutrina.

O desafio colhera de surpresa a todos, com o lançamento abrupto de uma edição adulterada de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec. A Federação autorizara o seu Departamento do Livro a realizar a façanha. E o departamento tomara as devidas cautelas realizando seus trabalhos entre quatro paredes. Essa técnica antiespírita desnorteara a todas. O livro surgia de um golpe, como um fato consumado, numa edição de trinta mil exemplares, em parte já vendida antecipadamente a vários Centros e Grupos Espíritas. E trazia duas explicações justificadoras: uma do tradutor, Paulo Alves de Godoy, e outra do Departamento do Livro, que expunha um plano de completa e

total revisão de toda a Codificação Doutrinária de Allan Kardec. Uma novidade a mais, entre as muitas novidades desta hora de inquietação mundial, seguindo o exemplo das deformações católicas e protestantes das novas edições da Bíblia e dos Evangelhos.

Mas alguns espíritas zelosos não aceitaram com bons olhos a novidade. A edição adulterada saíra em Julho de 1974. O Grupo Espírita Cairbar Schutel, de Vila Clementino, denunciou o fato e lançou um movimento de protesto, espalhando por todo o país 5 mil boletins e 40 mil exemplares do tablóide MENSAGEM, com análise rigorosa e condenação enérgica das modificações do texto. Outros grupos e instituições doutrinárias aderiram a esse movimento de reação e a polêmica extravasou na imprensa e no rádio. A FEESP tentou sustentar a sua posição, o Grupo Espírita Emmanuel, de São Bernardo do Campo, colocou-se ao seu lado e afastou abruptamente Herculano Pires da direção do programa *No Limiar do Amanhã*, da Rádio Mulher. O grupo da Federação ameaçou também tirar-lhe a crônica espírita que há trinta anos mantém no *Diário de São Paulo*, mas nada conseguiu. A polêmica alastrou-se pelo país, mas apenas alguns líderes espíritas se manifestaram. As Federações dos Estados enviaram protestos à FEESP, mas não foram além disso. A Confederação Espírita Argentina também protestou. Enquanto isso, a FEESP vendia a edição adulterada. Mais tarde, a assembléia geral da União das Sociedades Espíritas, reunida na própria sede da FEESP, condenou por unanimidade a adulteração e os adulteradores foram vencidos, mas nem todos convencidos. A Liga Espírita do Estado tomou posição firme contra a adulteração. Jorge Rizzini, que a apoiava, foi logo mais afastado da direção do programa *Um passo no Além*, que mantinha, na rádio das Casas André Luiz. Fez-se em todo o país o que Herculano chamou de “O Silêncio dos Rabinos, ao tilintar das moedas de Judas.”

O médium Francisco Candido Xavier, apesar de sua costumeira isenção em polêmicas doutrinárias, acabou manifestando-se contra a adulteração e tomou posição firme e clara na defesa dos textos de Kardec. A maioria dos chamados líderes espíritas não se manifestou. A hora do testemunho provara mal, revelando a falta de convicção da maioria absoluta, e portanto esmagadora, do chamado movimento espírita brasileiro. Mas os resultados foram se manifestando mais tarde, com um crescente interesse do meio espírita pelas obras de Kardec em edições insuspeitas.

Ignorância e Beatismo

A investigação das causas da adulteração revelou a fragilidade do movimento espírita brasileiro, resultante de dois fatores principais: a ignorância e o beatismo. A maioria dos espíritas não estuda a sua doutrina e se entrega a um beatismo igrejeiro. Os cursos doutrinários ministrados pela Federação e outras instituições são orientados por obras escritas por pessoas que pretendem superar Kardec e misturam idéias pessoais de elementos de variadas correntes espiritualistas. O beatismo, elemento residual de nossa formação religiosa nacional, não é combatido, mas estimulado por esses cursos sincréticos. A incompreensão da natureza especificamente científica e cultural do Espiritismo é alarmante. O religiosismo popular, o interesse pelo sobrenatural, o apelo à emoção ao invés do estímulo à razão nas palestras e pregações asfixiam os elementos culturais no meio espírita. A pretensão a mestres e orientadores estufa a vaidade daqueles que pretendem assumir posições de liderança. A vaidade dos líderes afasta-os do estudo sério e humilde da Doutrina.

Verificou-se que a adulteração resultou principalmente da falta de compreensão do conceito do bem e do mal no Espiritismo, onde esses conceitos são definidos de maneira clara e precisa. A adulteração, propondo-se a “atualizar a linguagem doutrinária”, girou em torno de expressões evangélicas e kardecianas não compreendidas, e que foram substituídas por expressões ambíguas. Como o Espiritismo considera o homem essencialmente bom, os reformadores ingênuos resolveram suprimir dos textos qualquer expressão considerada “maldosa”. Por exemplo: a expressão evangélica “Amai aos vossos inimigos”, carregada de

grande poder expressivo e grande força de comunicação, foi substituída por “Amai aos que não vos amam”, que é tola e vazia. A expressão “espíritos maus” foi substituída pela expressão “espíritos menos bons”, que além de sua flagrante irrealidade anula o conceito de “mau”, com chocante desatualização e flagrante contradição a princípios doutrinários básicos. Além dessas tolices, que comprometem o rigor e o equilíbrio do texto kardeciano, tornando-o alheio à realidade existencial evidente (mormente nesta hora de atrocidades sem limites que estamos vivendo) houve a aplicação ao texto de termos científicos inadequados.

Os adúlteradores mostraram-se ignorantes do princípio doutrinário da bondade inata do homem como potência (bondade a se desenvolver no processo evolutivo, potência do bem a se transformar em ato através das experiências.)

A adulteração foi uma triste demonstração de ignorância e de beatismo religioso tipicamente anticultural. Esse primarismo, entretanto, abria um precedente perigoso e tinha de ser repellido por todos os espíritas convictos. Nesse passo iríamos à desfiguração total do Espiritismo, repetindo todo o processo histórico de deformação do Cristianismo, transformado, por ignorância e conveniências imediatistas, num tipo de paganismo idólatra e obscurantista. A importância deste livro está na reação cultural a essas agressões primárias à doutrina, com a reafirmação da virilidade cultural do Espiritismo, da limpidez racional dos seus textos, da sua posição de balizador do futuro espiritual do homem, posição essa perfeitamente confirmada pelo avanço científico e cultural do nosso tempo, no esquema preciso apresentado pela Doutrina há mais de um século. Por outro lado, este livro mostra a necessidade imperiosa de se recolocar o problema espírita em seus verdadeiros termos, sob pena de agirmos no campo doutrinário como simples macaco em loja de louças.

Antes do Cantar do Galo

Antes do cantar do galo (J. Herculano Pires)

Ser fiel à Verdade, saber respeitá-la e fazer-se humilde perante ela são as três pedras de tropeço do homem na Terra. Podemos conhecer a Verdade e proclamá-la, procurar vivê-la e comunicá-la aos outros, mas ter a coragem de sustentá-la nos momentos de crise é quase um privilégio no mundo das vaidades e mentiras terrenas. Por isso os grandes Mestres têm sempre de provar a taça de fel do abandono, como Jesus no Horto, enfrentando sozinho a vigília da traição, ou no Calvário, suportando no abandono a crucificação.

Quase dois milênios passados, um dos mais lúcidos discípulos do Mestre, no dizer de Emmanuel, suportaria em Paris a solidão dos que amam a Verdade e a ela se consagram. A vida de Allan Kardec é o espetáculo da solidão do homem que toca a fímbria da Verdade e tem de suportar sozinho as conseqüências da sua audácia. Quando a estudamos espanta-nos a terrível solidão em que viveu e lutou, compreendendo só ele, inteiramente só, a grandeza da obra que realizava. Teve dezenas de companheiros, centenas de colaboradores, milhares de adeptos. Mas só ele compreendia a Doutrina que anunciava ao mundo.

À beira da sua tumba, no discurso de exaltação que lhe fazia, Camille Flammarion, discípulo dos mais ardorosos, acusou-o de ter feito “obra um tanto pessoal”, revelando não haver compreendido o seu sacrifício e a significação da sua obra. Após a sua morte, os que deviam dar continuidade ao seu trabalho se entregaram a disputas bizantinas em torno de questões acessórias. E

logo mais surgiram os críticos dos seus ensinamentos, procurando adaptá-los às conveniências circunstanciais.

Em 1925, quando se reuniu em Paris o Congresso Espiritualista Internacional, o próprio Kardec, através de comunicações mediúnicas, teve de forçar Léon Denis, já velho e cego, a sair de Tours, na província, para defender o Espiritismo dos enxertos que lhe pretendiam fazer os representantes de várias tendências, com a aceitação ingênua de ilustres mas desprevenidos militantes espíritas. Todos eles professavam inabalável fidelidade à Doutrina, mas concordavam com a tese de que esta devia avançar dos limites kardecianos. Denis foi o baluarte da resistência e venceu a batalha, mas sozinho, também ele solitário.

Transcorridos 75 anos, teríamos de assistir em São Paulo, a praça forte da Verdade Espírita no Brasil e no Mundo, a uma nova e espantosa demonstração da solidão de Kardec. Adeptos da Doutrina, que através de muitos anos pareciam-lhe extremamente fiéis, repetiram o episódio evangélico das três negações de Pedro, enquanto a obra de Kardec – o Evangelho Ressuscitado em espírito e verdade – era crucificado no calvário da incompreensão humana. Antes do cantar do galo, no intermúndio frio e nevoento da madrugada, entre a noite agonizante e o dia que lutava para nascer, os discípulos que se diziam fiéis até à morte negaram e sustentaram a sua negação, ao som metálico das moedas de Judas. Se não fosse a reação de um pequeno grupo, também solitário e sem forças, pouco a pouco apoiado por outros, a obra de Kardec estaria hoje inteiramente deformada em traduções oficiais da Federação Espírita do Estado de São Paulo.

Nada menos de 30 mil exemplares de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* foram postos em circulação no meio espírita brasileiro, numa pseudotradução em que se pretendia corrigir expres-

sões da redação original de Kardec, sem o menor respeito pela cultura e o rigor metodológico do Mestre. Foram inúteis os apelos – em documentos pessoais, cheios de explicações minuciosas – dirigidos aos responsáveis pela instituição para que essa edição fraudulenta não fosse posta em circulação. As moedas de Judas soaram mais alto. A instituição preferiu a traição à Doutrina ao prejuízo monetário que teria de sofrer para manter-se fiel à Verdade. E mais tarde, perante o Congresso Espírita Estadual, que felizmente condenou por unanimidade a adulteração, o presidente da referida instituição vangloriou-se de haver sido esgotada a edição. E o responsável direto pela tradução, em carta dirigida à Mesa, acusou o médium Francisco Candido Xavier de corresponsável pela adulteração, colocando-o mesmo na posição de autor intelectual do processo.

Explica-se a rejeição do Congresso pela veemência da repercussão dos protestos contra a fraude, que já então ecoavam por todo o Brasil e até mesmo no Exterior. Acusaram-nos de violência, de falta de tolerância e de espírito de fraternidade, de provocar um escândalo pernicioso ao bom nome do movimento espírita, mas esqueceram-se da indignação que sempre, em todos os tempos, os crimes contra a Verdade desencadearam no mundo. Só os espíritos apáticos, indiferentes ou acomodaticios podem conter o seu ímpeto ante crimes vandálicos dessa espécie. Dóceis criaturas lembraram que podíamos, através de entendimentos prévios e cordiais, impedir a adulteração. Não sabiam, por certo, que o crime havia sido planejado e praticado entre quatro paredes, de maneira que nós, os que o denunciámos, só pudemos fazê-lo quando ele já estava consumado, com a edição adulterada exposta à venda nas livrarias e grande parte já vendida antecipadamente. Só nos restava a denúncia pública e veemente, no cum-

primento do dever de advertir o público, livrando os ingênuos do engodo planejado.

Decorrido mais de um ano dessa ocorrência desastrosa, ainda não é possível avaliar-se o prejuízo causado no meio espírita pela circulação desses trinta mil volumes adulterados da obra básica da Religião Espírita, num país em que o Espiritismo tomou sobretudo uma feição religiosa. O silêncio absoluto da maioria da imprensa espírita e particularmente dos chamados líderes espíritas, em todo o Brasil, provou de sobejo o desconhecimento generalizado da Doutrina Espírita pelos pseudo-corifeus do Espiritismo em nossa terra. Cansamos de receber apelos de tolerância, de fraternidade, de caridade cristã, como se acaso fôssemos os promotores do escândalo, os responsáveis pela situação desastrosa criada no meio doutrinário. A falta de compreensão do valor, da significação, da importância cultural e histórica da obra de Kardec transparecia em todas essas solicitações angustiadas de candidatos à angelitude precoce.

Chegou o momento em que o médium Chico Xavier, apresentado pelos adulteradores como o Pedro arrependido, viu-se obrigado a romper o seu silêncio para declarar, em alto e bom som, que não participara do conluio e estava decisivamente contra a deturpação dos textos básicos da Doutrina. Essa atitude de Chico Xavier lavou as Estrebarias de Álgias, mas até hoje existem criaturas angélicas que não acreditam na sua posição decisiva. Daí a iniciativa dele, dele mesmo, Chico Xavier, como se constata de maneira inegável neste volume, de solicitar-nos a publicação de um livro em que os fatos ficassem bem definidos.

O livro aqui está, como salvaguarda do futuro, segundo Chico deseja. Os leitores verão que a posição do médium contrasta com a nossa. Chico se pronuncia como intérprete dos Espíritos.

Nós falamos por nós, como criaturas humanas indignadas ante a falta de respeito pela obra de Kardec, ante o atrevimento inconcebível dos que aceitaram os alvites das trevas para corrigir de maneira bastarda os textos puros do Mestre. Não podemos admitir candidamente que os dirigentes de uma instituição até então respeitável, não obstante os seus deslizes doutrinários, tenham sido os promotores desse atentado à Doutrina. O dever imposterável de todos eles, consignado nos próprios estatutos da entidade, é o de propagar a Doutrina em sua pureza e defendê-la. Não sabemos o que ainda fazem, depois dessa queda injustificável, no desempenho dos cargos em que permanecem impassíveis, como se nada tivesse acontecido.

Chico Xavier não diria isso, porque os Espíritos não interferem nas questões de nossa responsabilidade humana e Chico é um instrumento deles na Terra. Mas nós dizemos, não podemos calar, temos o dever de zelar pela dignidade do movimento doutrinário. Se não mantivermos a ética espírita acima da ética mundana, mas, pelo contrário, a colocarmos abaixo, a pretexto de que no Espiritismo o princípio de fraternidade cobre todos os aleijões, estaremos reduzindo a Doutrina à condição amoral de uma cobertura para a irresponsabilidade. Os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade do Espiritismo resultam, como Kardec acentuou, no senso da responsabilidade individual e de grupo, ambos intransferíveis. Aqueles que falharam nos deveres de que foram investidos, a ponto de conspurcarem as obras fundamentais, os alicerces conceptuais da ética espírita, só têm um caminho a seguir: a renúncia aos seus cargos, para que outros mais capazes possam refazer os erros por eles praticados. E, se não entenderem o seu dever nesse sentido, devem ser advertidos pela corporação, sob pena da desmoralização desta.

Questão de ética

Sem a observância ativa e vigilante dos princípios éticos que o informam, nenhum movimento cultural pode subsistir, pois estará minado em suas bases pela irresponsabilidade dos adeptos. O que se evidenciou, no caso da adulteração, desta vez de maneira ameaçadora e até mesmo arrasadora, foi o estado de alienação em que caiu a comunidade espírita no tocante às suas responsabilidades doutrinárias. Este não é um problema superficial, que possamos simplesmente ignorar. É um problema da mais alta gravidade para todas as organizações humanas. O que a ética espírita nos ensina é que não devemos confundir o erro com quem o cometeu. Esse é um princípio superior de ética. Perdoamos o autor ou autores do erro, mas não podemos tolerar o erro. Este tem de ser corrigido. E os autores que não revelaram sensibilidade suficiente para se penitenciarem devem ser corrigidos, sob pena de estimularmos o erro e criarmos no meio doutrinário um clima de indignidade geral.

Chico Xavier deu-nos uma prova eloqüente desse procedimento. Envolvido indebitamente no caso da adulteração, por haver sugerido uma modificação em tradução que lhe parecia embaraçosa, sentiu-se responsável pelo crime e assumiu de pronto a sua responsabilidade total. Logo mais passado o estado emocional que o confundira, ao tomar consciência da distância que havia entre a sua sugestão e a intenção dos adulteradores, voltou a público para condenar a desfiguração dos textos kardecianos e retificar a sua posição. Jamais ele podia ter pensado em admitir a adulteração, pois com isso negaria todo o seu passado de cerca de meio século de fidelidade e respeito absoluto a Kardec.

O exemplo da desfiguração do Cristianismo é suficiente para nos mostrar os perigos a que fomos expostos. Essa desfiguração foi tão profunda que levou as igrejas a transformarem Jesus em mito e promoverem perseguições e matanças vandálicas em nome do Mestre e de Deus. Não basta esse terrível exemplo histórico, essa catástrofe moral que redundou na expansão do ateísmo e do materialismo na Terra, para advertir os espíritas, que se colocam sob a égide do Espírito da Verdade, quanto ao perigo da frouxidão moral no campo doutrinário? Queremos, por comodismo e em nome de interesses imediatistas, deixar que a irresponsabilidade deturpe também o Cristianismo Redivivo que o Espiritismo nos traz, mergulhando novamente a Terra em milênios de trevas? Se não lutarmos pela intangibilidade e a pureza da Doutrina, o que é que desejamos divulgar, oferecer, ensinar aos outros, pessoalmente e através de nossas instituições? As nossas idéias imprecisas e muitas vezes absurdas, as nossas pretensões orgulhosas, a pseudo-sabedoria da nossa vaidade, as nossas lamentáveis deficiências em todos os sentidos?

Vaidade das vaidades

Os pretensos reformadores de Kardec nem sequer conhecem a sua obra, não penetraram ainda no conhecimento da harmoniosa estrutura da Doutrina e com isso não revelam a mínima condição cultural, intelectual e espiritual para suas tentativas de superação doutrinária. Só as criaturas simples, ingênuas, ignorantes ou fascinadas pela sua própria vaidade, pela obtusidade da sua auto-suficiência, aceitam e propagam as falsas teorias elaboradas por esses adoradores de si mesmos, incapazes de um mínimo de autocrítica. Eles enxameiam no mundo e fazem apóstolos da mentira e da ilusão por toda parte, pois a vaidade humana se alimenta sempre da pretensão descabida de superioridade, num planeta de provas e expiações em que somos criaturas inferiores, extremamente necessitadas dos ensinamentos que rejeitamos.

E preciso que pelo menos esse proveito nos sobre do episódio da adulteração, em que tantas almas felinas tiraram a pele de ovelha para revelar a sua verdadeira condição. É preciso aprendermos a respeitar a Doutrina Espírita como a dádiva celeste que Jesus nos prometeu e nos enviou na hora precisa, no momento em que o nosso pobre mundo se preparava para um avanço decisivo na superação das suas condições de indigente do Cosmos. Quem tem autoridade para corrigir Jesus, Kardec e o Espírito da Verdade entre nós? Qual o missionário de sabedoria infusa que apareceu na Terra para nos provar que os ensinamentos do evangelho proclamados pelo Espiritismo devem ser substituídas por fábulas (como diz o Apóstolo Paulo) forjadas por este ou aquele indivíduo enfatuado e pretensioso?

O avanço das Ciências e da Cultura Geral em nosso século nada mais fizeram até agora do que confirmar, sem o saber, os princípios fundamentais da Doutrina Espírita. Onde está o ponto em que a Doutrina foi ultrapassada pelas concepções contemporâneas? Se tivéssemos hoje na Terra um missionário divino capaz de abrir novas perspectivas no campo doutrinário, a primeira coisa que ele faria, e que o legitimaria aos olhos das pessoas de bom senso, era empunhar de novo o chicote do Messias para expulsar os vendilhões do Templo. Não podemos ser tão néscios a ponto de relegarmos ao arquivo do passado essa Doutrina que antecipou toda a evolução atual do saber humano em nosso tempo, só porque alguns pretensiosos reclamam vaidosamente o direito de deformar a Doutrina em nome do progresso. O progresso não é deformação, mas aprimoramento. E onde está aquela teoria, aquela doutrina, aquela sabedoria que se sobrepõe à que o Espiritismo nos oferece?

Que o episódio negro da adulteração nos sirva para mostrar a que situações ridículas e insustentáveis podem levar-nos a falta de vigilância e humildade, de oração e estudo. Precisamos de estudar Kardec intensamente, de assimilar os ensinamentos das obras básicas, de mergulhar nas páginas de ouro da *Revista Espírita*, não apenas lendo-as, mas meditando-as, aprofundando-as, redescobrimo nelas todo o tesouro de experiências, exemplos, ensinamentos e moralidade que Kardec nos deixou. Mas, antes de tudo, precisamos de humildade para entrar no Templo da Verdade sem a fátua arrogância de pigmeus que se julgam gigantes. Precisamos de respeito pelo trabalho de um homem que viveu na Terra atento à cultura humana, assenhoreando-se dela para depois se entregar à pesada missão de nos livrar da ignorância vaidosa e das trevas das falsas doutrinas de homens ignorantes e orgulhosos.

Ao estender as mãos para tocar num livro doutrinário devemos perguntar a nós mesmos qual é a nossa intenção, o nosso estado íntimo. Porque, se não fizermos isso com respeito e humildade, poderemos cair na armadilha das adulterações, que está sempre aberta aos nossos pés inseguros. E não tenhamos dúvidas de que a omissão, em assuntos de tão profunda gravidade, que se refere ao nosso próprio destino e ao destino do mundo, é crime de cumplicidade. As pessoas, as instituições, as publicações que se omitiram na hora crucial da adulteração incidiram irremediavelmente na participação do crime, inscreveram seus nomes na lista dos omissos. Quem assume responsabilidades de divulgação e orientação no campo doutrinário não pode esconder a cabeça na areia quando a tempestade ruge. Essa imperdoável covardia é sempre assinalada com a marca indelével de Caim. Em qualquer setor das atividades humanas a fidelidade a normas e princípios é dever indeclinável de todos. Qual o estranho motivo que livraria os espíritas, integrados no mais alto setor dessas atividades, o da propagação e sustentação da Verdade, da pesada responsabilidade que falava Léon Denis? Seríamos tolos e simplórios se pensássemos que no Espiritismo estamos de mãos livres, sem a obrigação explícita e o dever inalienável de respeitá-lo e defendê-lo?

Embora não tenhamos a intenção de ferir ninguém, sabemos que são duras estas explicações que não são nossas, mas do próprio Cristo, quando lembrou aos fariseus que o fato de saber a verdade os condenava, porque em seu lugar ensinavam e sustentavam a mentira. Fomos acusados de intransigentes. Pode alguém transigir com o erro sem dele participar? Fomos acusados de ortodoxos. Mas ortodoxia quer dizer “doutrina certa” e a heterodoxia, largamente pregada em nosso meio em nome de uma falsa tolerância, quer dizer “mistura de doutrinas, confusão de princípios, colcha de retalhos”. Não nos julgamos puros nem santos e

muito menos sábios. Todos nós, que nos reunimos para repelir a adulteração, só tivemos em vista a pureza, a santidade e a sabedoria da doutrina que professamos. Somos apenas fiéis, conscientes de nossas responsabilidades doutrinárias e contrários a todas as formas de aviltamento do Espiritismo. E isso porque? Porque a Doutrina Espírita é o Código do Futuro, elaborada para melhorar o homem e o mundo. Não nasceu da cabeça de um homem, de uma corporação científica ou de uma escala filosófica, e muito menos de um colégio de teólogos, mas da realidade natural dos fatos, dos fenômenos rejeitados pelos materialistas mas hoje aceitos e integrados por eles mesmos na realidade científica mais avançada. Não se constitui de preceitos, normas, dogmas, axiomas, mas de princípios ou leis que se impuseram à pesquisa científica mais rigorosa, de laboratório e de campo. Essas pesquisas não são apenas as de Kardec, mas as realizadas por cientistas eminentes nos meios universitários de todo o mundo, em geral iniciadas com o propósito de negar as conclusões de Kardec mas sempre confirmando-as. Trata-se, pois, de um patrimônio cultural que se formou na seqüência do desenvolvimento da cultura, bem enquadrada na História e na Teoria do Conhecimento. Podemos mesmo dizer que as conclusões da Doutrina Espírita não são postulados, mas fatos. São os fatos, sempre à disposição dos que pretenderem revisá-los, negá-los ou mesmo contraditá-los, que constituem a base do Espiritismo. Diante de um patrimônio cultural assim sólido e até hoje inabalável em todas as suas dimensões, como podemos admitir que pessoas ou grupos inscientes se atrevam a alterar, modificar, corrigir pretensiosamente aquilo que não estão sequer à altura de bem compreender?

Essa a justificativa legítima da nossa indignação ante o atentado inqualificável da adulteração que se pretendia realizar, abrangendo toda a estrutura doutrinária. Precisávamos não ter

convicção, nem certeza do que admitimos, para aceitar de espinha curvada as pretensões alucinadas desta ou daquela instituição doutrinária. Nem Jesus agiu com mansidão ante a petulância dos fariseus vaidosos. Nem Paulo usou de tolerância conivente com os que, já no seu tempo, aviltavam o Cristianismo. Nem Kardec deixou de defender a Doutrina em nome de um falso conceito de fraternidade, e defendê-la com firmeza e energia, empregando as palavras devidas. As sensitivas que murcham ao ser tocadas não são flores do jardim espírita. Porque o Espiritismo requer virilidade e franqueza dos seus adeptos, o *sim, sim* e *não, não* do Evangelho, para impor-se neste mundo de ambigüidades e comodismos.

Aqui está, pois, o livro que faltava em nossa bibliografia espírita sobre o caso da adulteração. Não é um livro de ódio ou ressentimento, mas de lealdade e amor. O amor não é capa de ilusões, não deve acocar o erro, mas defender e sustentar a Verdade, custe o que custar, para o bem de todos, adversários e companheiros. Amor e Verdade são as duas faces de Deus, que conformam o rosto divino aos olhos dos que sabem e podem encará-lo.

Chico Xavier Pede um Livro

Crônicas da hora amarga (J. Herculano Pires)

Chico Xavier, que nos deu tantos livros, envia-nos de Uberaba um pedido angustioso. Quer que publiquemos um livro sobre o caso da adulteração, autorizando-nos a transcrever nesse volume as mensagens psicográficas que recebeu e foram por nós publicadas, com os comentários habituais, na seção conjunta que mantemos no *Diário de São Paulo*. Faz mais: manda-nos ele mesmo o recorte dessas publicações, que retirara de um volume a sair — em que os agraciados com os seus direitos autorais certamente não se sentiriam bem. A piedade do médium revela-se de maneira espantosa nesse gesto. Não nega os direitos à instituição, mas retira dos originais mediúnicos as peças incômodas e as envia às nossas mãos, que não se queimarão com elas. As mensagens e crônicas que o leitor encontrará nesta parte do livro foram publicadas na fase de amargas decepções, em que nos víamos obrigados, por dever de ofício e de consciência, a lutar contra os desvios de antigos companheiros. Mantendo no *Diário de São Paulo*, há mais de trinta anos, uma seção de crônicas espíritas, nos primeiros quinze anos de publicação diária e posteriormente semanais, não podíamos supor que um dia essa seção fosse utilizada de maneira tão amarga. Não enfrentávamos os adversários habituais da Doutrina, que haviam transferido a sua ação demolidora às mãos de companheiros de uma instituição em que depositávamos confiança.

As mensagens vinham a propósito, embora disfarçadas no amor e na piedade dos espíritos comunicantes. Cabia-nos a fun-

ção de quebrar as nozes e revelar o amargor de seus frutos. Chico Xavier se mantinha em silêncio, aturdido, como nos escreveria mais tarde, ante o que se passava, e até mesmo com a tentativa dos adúlteradores, de envolvê-lo como autor intelectual da profanação iniciada, como parte de um extenso programa demolidor que atingiria toda a obra de Allan Kardec, do Espírito da Verdade e do próprio Cristo.

São essas as crônicas da hora amarga, interpretando mensagens espirituais sofridas, carregadas de amargura – pois até mesmo as mensagens tradicionais de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* haviam sido deformadas. Ai estão elas, agora, como troféus de uma batalha dolorosa, mas necessária. Que essas mensagens e crônicas da hora amarga sirvam de exemplo aos que, no futuro, forem tentados a novas pretensões vaidosas de corrigir o Cristo, os Espíritos Superiores e os textos insuperáveis de Allan Kardec. Lembremo-nos da expressão de Bezerra de Menezes em hora semelhante, no Rui: “Mas, Kardec é insuperável!”

Existência terrestre (Emmanuel)

Muitos companheiros na atualidade do mundo perguntam hoje pelo sentido da vida.

Cientistas diversos respondem que a vida é um ponto de interrogação.

Poetas vários afirmam que se trata de uma sucessão de adeuses.

Criaturas verdes de entendimento interpretam-na por festa sem lógica, apropriando-se-lhe os prazeres imediatos; e os pessimistas asseveram que tudo é nada, como se do nada pudéssemos formar alguma coisa.

A Terra, porém, é uma escola de vida e, nas múltiplas classes em que se subdivide, cada aluno – o espírito imortal – usa o corpo físico, visando alcançar determinados fins.

Esse veio aprender ensinando;

outro chegou para dirigir o trabalho;

outro ainda se integra nos quadros da subalternidade a fim de burilar-se;

aquele é repetente de lições nas quais faliu em outra época; outro é chamado à revisão do próprio comportamento;

e aquele outro ainda é trazido ao reencontro de amigos que um dia transformou em adversários, a fim de rearticular com eles a harmonia necessária à construção do bem.

Deixa que a reencarnação te ilumine a mente com as realidades que nos presidem os caminhos evolutivos e observarás a sabedoria que nos rege a existência em qualquer plano do Universo.

O berço é a tua ficha de entrada no educandário em que estagias.

Com o núcleo familiar dispões das pessoas certas e dos problemas que te dizem respeito.

No panorama social em que circulas tens a paisagem de serviço que te solicita demonstrações de aproveitamento e valor.

Nas provas e dificuldades do dia-a-dia possuis o esquema das tarefas de melhoria e elevação.

Pelo que sentes, sabes com clareza em que matéria se te exige aplicação mais intensa.

E, pelos que te rodeiam, reconheces os colegas de turma ou verificas quais são os companheiros mais íntimos, com os quais deves construir e aprender, servir e trabalhar.

– 0 –

Pensa na existência terrestre como sendo a vida educativa, dentro da vida imperecível e, através dos obstáculos do cotidiano, perceberás que te vês em temporário curso de aprendizagem, enquanto que os astros, na Tela Cósmica, te farão sentir que, se te matriculaste na escola da experiência humana, estás igualmente no caminho de regresso ao Lar Maior, onde te esperam as luzes do Eterno Alvorecer.

Adulteração do Evangelho (Irmão Saulo)

Acaba de ocorrer um fato espantoso, que só podemos explicar nos termos da mensagem de Emmanuel sobre a existência terrestre, perfeitamente de acordo com os princípios doutrinários. A Federação Espírita do Estado de São Paulo está lançando, juntamente com o Instituto de Difusão Espírita de Araras, uma edição adulterada de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec. Esse fato rompe a tradição secular, de respeito e fidelidade a Kardec, que sempre caracterizou o Espiritismo em São Paulo. A FEESP, líder nacional da luta pela pureza doutrinária, coloca-se à frente de um movimento escuso de deturpação da Doutrina.

O Novo Evangelho, adulterado pelo tradutor Paulo Alves Godoy e aprovado pelo Departamento do Livro Espírita, está sendo vendido a preços populares, para maior divulgação. Não há explicação possível para esse fato, fora da doutrina da reencarnação. Paulo Alves Godoy tem sido fiel à Doutrina. O que o levou a mudar subitamente de rumo? Sugestões espirituais, segundo alega. De onde vêm essas sugestões? Duas frases da mensagem de Emmanuel socorrem a nossa perplexidade, explicando os fins da reencarnação: aquele é repetente de lições nas quais faliu em outra época e outro é chamado à revisão do próprio comportamento.

Nossos vícios e erros do passado repontam na vida presente em forma de tendências latentes, às vezes adormecidas durante anos, mas prontas a ressurgir e impor-se à primeira sugestão das circunstâncias ou de antigos comparsas do passado, encarnados e desencarnados. Todos estamos sujeitos a essas dolorosas surpre-

sas e por isso o Cristo nos recomendou vigiar e orar constantemente. A adulteração do Evangelho foi intensamente praticada no passado e várias dessas deturpações ainda permanecem nos textos atuais, como Kardec o demonstrou. Ninguém está livre de haver pertencido às equipes de adulteradores, tendo hoje de enfrentar novamente a tentação antiga para superá-la e corrigir-se. É essa a oportunidade de revisão do comportamento a que alude Emmanuel.

As adulterações feitas no texto de Kardec, nessa tradução de Paulo Alves Godoy, são de tal maneira injustificáveis que não há outra explicação para o caso. Modificações pueris, desnecessárias, marcadas por estreito sectarismo, que só servem para ridicularizar o livro básico do aspecto religioso do Espiritismo. Como não perceberam isso os diretores do Departamento do Livro? Como não o perceberam os confrades de Araras? O que lhes perturbou o senso? A resposta a essas perguntas só pode ser dada pela mensagem de Emmanuel, que nos lembra os objetivos da reencarnação.

Das adulterações do Evangelho, no passado, resultaram, além da desfiguração dos textos conhecidos, a produção abundante dos Evangelhos Apócrifos, que perturbaram seriamente o desenvolvimento do Cristianismo. Só mais tarde, quando se tornou possível a investigação rigorosa do problema, puderam ser rejeitados. Isso nos mostra como são imprevisíveis as conseqüências do atentado que acaba de repetir-se em nosso meio. Só resta à Federação Espírita do Estado e ao Instituto de Araras suspender a distribuição e venda dessa obra deturpada, arcando com os prejuízos materiais de uma edição espúria. Ou isso ou a responsabilidade de haverem iniciado o processo de adulteração da obra de Kardec e do Espírito da Verdade no Brasil e no Mundo.

Tarefas e decepções (Chico Xavier)

Ontem à tarde, em nossos entendimentos sobre as tarefas que nos cabem na vida, tratávamos, vários companheiros, das decepções que a todos nos visitam de quando em quando. Companheiros que se afastam, desgostos, incompreensões, promessas que falham, expectativas de melhoria que se extinguem sem que se saiba por quê. Transferindo-nos da palestra para a nossa reunião pública, *O Livro dos Espíritos* nos ofereceu a questão 937, que foi comentada por vários.

Ao término da reunião, Emmanuel escreveu a página que lhe envio. Conforme nosso desejo – de todos os companheiros presentes – coloco a página em suas mãos amigas, na esperança de que nos possa auxiliar com os seus apontamentos doutrinários, para nossa reflexão e nossos estudos.

Desapontamento (Emmanuel)

Desapontamento: causa de numerosas perturbações e desequilíbrios. Entretanto, é no desapontamento que, muitas vezes, se corrigem situações e recursos.

Naquilo que chamamos desilusão, em muitos casos, é que os Poderes Maiores da Vida se expressam em nosso auxílio.

Por isso mesmo, todo desencanto reveste determinado ensinamento dos Mensageiros Divinos, indicando-nos as diretrizes que nos cabe trilhar.

Avisos e advertências.

Apelos e informações.

– 0 –

A existência é comparável ao trânsito em que se dirige cada um a certos fins.

Desapontamento e o sinal vermelho, esclarecendo: “Não por aqui” ou “agora não”.

Se algum desengano te assaltou o espírito, não te deixes vencer por tristeza negativa.

Guarda a mensagem inarticulada que ele encerra e, prosseguindo à frente, na execução dos próprios deveres, apreender-lhe-ás o sentido.

Aspiração frustrada é indicação do melhor caminho para o futuro.

Plano derruído é base a projetos mais elevados de ação.

Prejuízo é remanejamento aconselhável para aquisição de segurança.

Inibições significam defesa.

Afeição destruída é o processo de perder a carga de inquietações inúteis em torno de corações respeitáveis, mas ainda inabilitados a vibrar com os nossos no mesmo nível de ideal e realização.

– 0 –

Nos dias que consideres amargos pela dor que te apresentem, aceita o remédio invisível dos contratempos que a vida te impõe.

E seguindo adiante, trabalhando e servindo, auxiliando e aprendendo, a breve trecho de espaço e tempo, reconhecerás que desapontamento em nós é cuidado de Deus.

Coincidências significativas (Irmão Saulo)

A última mensagem de Emmanuel que comentamos trazia-nos a explicação possível de um grande desapontamento por que estamos todos passando no movimento espírita. A de hoje coincide novamente com o mesmo problema. Desejamos deixar bem claro que em nenhuma das duas mensagens há qualquer referência explícita ao assunto. As ilações que tiramos de ambas resultam do nosso desejo pessoal de atender a um problema do momento, que é dos mais sérios a surgir em nosso meio. A mensagem acima refere-se a desapontamentos vários, como se vê nas anotações de Chico Xavier. Mas entre eles figura também o que estamos enfrentando neste momento, com o primeiro caso de adulteração consciente de uma obra de Allan Kardec.

Se os desapontamentos individuais constituem avisos e advertências, apelos e informações, o mesmo ocorre com os desapontamentos coletivos. As coincidências significativas constituem uma das teses mais curiosas da Parapsicologia, numa teoria formulada pelo famoso psicólogo Karl Jung, discípulo dissidente de Freud. Coloca o problema da lei de sincronicidade, que substituiria nos fenômenos paranormais a lei física de causa e efeito. No plano mental, que não é físico, não haveria causa e efeito, mas sim um processo de sincronia, de simultaneidade. É o que ocorre no nosso caso.

Emmanuel não escreveu as mensagens tendo por causa o nosso desapontamento. Atendeu apenas a solicitações de pessoas que visitavam Chico em Uberaba. Mas as duas mensagens coincidiram com o fato ocorrido em São Paulo e com o desapontamento geral que dele resultou no meio espírita. A coincidência

significativa é de tal ordem que não poderíamos olvidá-la. Tanto mais que as mensagens nos trazem orientação e consolo. Se desapontamento em nós é cuidado de Deus, segundo a bela expressão de Emmanuel, com o fim de poupar-nos aborrecimentos maiores no futuro, faz-se então necessário compreendermos a lição dolorosa que recebemos. A adulteração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, pelo tradutor Paulo Alves de Godoy, revela uma situação perigosa em nosso movimento espírita e deve prevenir-nos contra decepções maiores. Esse desapontamento se acentua aos sabermos que a Federação não tomou nenhuma providência a respeito e continua vendendo a edição adulterada em sua própria livraria. Prevaleceu no caso o interesse material, com injustificável desprezo das conseqüências morais e doutrinárias. Com isso, o processo de adulteração das obras fundamentais foi desencadeado por uma instituição respeitável e por um companheiro que até agora se portara demonstrando zelo e respeito pela doutrina. Em todos os casos de desapontamento há também esse perigo: o de negligenciarmos a lição recebida, não atendendo ao cuidado de Deus para conosco.

Em torno da Codificação (Chico Xavier)

Reconheço-me com o dever de estar a serviço do nosso Emmanuel, mas isso não me impede de respeitar e admirar todos os trabalhos que visem a preservar a obra de Allan Kardec. De minha parte, faço votos para que os confrades reconheçam a nossa necessidade de mais ampla união em torno da obra em si e nos ajudem todos com a integração de todos em torno da Codificação Kardeciana, acima de tudo.

Quanto ao mais, continuemos firmes em ação da obra kardeciana, porque, em verdade, sem ela perderíamos a luz para o raciocínio, aquela que ele nos acendeu no espírito para aprendermos a discutir. É um mundo de serviço a fazer, um mundo a edificar, com a educação e a reeducação na base de tudo. Creio que tudo devemos realizar para não cairmos no obscurantismo e nas atitudes fanáticas.

Codificação acima de tudo (Irmão Saulo)

Quando Chico Xavier nos enviou a carta de que extraímos o trecho acima, esse trecho pareceu-nos uma simples reafirmação de tudo quanto, na sua vasta obra psicográfica, desde os primeiros livros até os derradeiros, o médium e os espíritos comunicantes, particularmente Emmanuel, sempre sustentaram. Mas hoje somos levados a considerar que a intuição mediúnica de Chico Xavier, sempre tão aguda e segura, já antevia possíveis deturpações da obra de Kardec. E isso em São Paulo, a que ocorre no momento com a adulteração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Muitos confrades gostariam de ouvir uma opinião de Chico Xavier sobre a referida adulteração, esquecendo-se de que essa opinião já foi expressa pelo médium centenas de vezes, não só através de seus livros, como através de entrevistas a jornais, revistas, rádios e televisões. Uma posição assim firmada, ao longo de quarenta anos de trabalho mediúnico, não poderia ser abalada subitamente por qualquer espécie de conveniência circunstancial.

No cumprimento de seu luminoso mediunato, sem claudicar, no tocante à fidelidade a Kardec, aos princípios básicos da Doutrina Espírita, Chico Xavier se impôs ao meio espírita do Brasil e do Mundo como um exemplo digno de admiração e respeito. Quando certos confrades começaram a proclamar que os livros de Emmanuel e André Luiz constituíam uma reforma doutrinária, esses dois espíritos, seguidos por Bezerra de Menezes e outros luminares da Espiritualidade, começaram a transmitir mensagens de valorização da obra de Kardec. Emmanuel, ante o aparecimen-

to de correntes chamadas de “emmanuelistas” e “andréluizistas”, chegou mesmo a transmitir uma série de livros correspondentes a cada uma das obras da Codificação comentando os trechos fundamentais dessas obras.

Chico Xavier jamais pretendeu sobrepor-se a Kardec, jamais se alistou entre os reformistas e superadores do Codificador. Nem mesmo aceitou, em tempo algum, que o considerassem como um líder espírita. Manteve-se sempre na sua posição de médium, de intermediário dos espíritos, considerando-se humilde servidor do Espiritismo. A carta da qual destacamos esse trecho decisivo nos foi dirigida por ele a 8 de junho do ano passado. Não achamos necessário divulgar essa nova profissão de fé kardeciana. Mas agora, quando a obra de Kardec está sofrendo a primeira agressão dentro do próprio meio espírita, e quando se anuncia o prosseguimento do trabalho de adulteração, não podíamos deixar essa declaração escondida em nosso arquivo, a pretexto de preservar o médium. Pelo contrário, a preservação do médium exige esta divulgação na secção em que ele mesmo sempre solicita a nossa ajuda, a nossa colaboração no esclarecimento dos problemas doutrinários. Premido pelas obrigações da recepção de títulos de cidadania e pelos compromissos de lançamento de novos livros, Chico Xavier não pode enviar-nos a mensagem habitual para estas colunas. Sua presença em São Paulo neste momento, participando do lançamento promovido por um grupo que se colocou ao lado da adulteração, poderia aumentar os boatos de que Chico aprovaria esse absurdo atentado à obra de Kardec. Cobia-nos revelar a firmeza de sua posição doutrinária, reafirmada de maneira tão eloqüente quanto necessária, na carta que nos enviara.

São muitos os leitores que nos interpelam a respeito da posição do médium nesse caso. Damos a todos a resposta do próprio médium, uma resposta categórica, iniludível. Chico reafirma que

precisamos preservar a obra de Kardec, acima de tudo. Outros nos perguntam por que motivo modificamos o programa *No Limiar do Amanhã*, furtando-nos ao dever de defender no mesmo a obra do mestre. Informamos a todos que deixamos a direção do programa por termos sido impedidos de tratar do assunto no mesmo. Nosso penúltimo programa sobre o caso foi desgravado misteriosamente e nosso último programa foi arquivado e substituído por outro, do qual não participamos nem poderíamos participar. Nem sequer o direito legal de anunciar a nossa retirada nos foi concedido. O que aconteceu a nós não acontecerá a Chico Xavier. A divulgação do seu trecho-mensagem será suficiente para mostrar aos leitores dessas colunas que o grande médium mantém a sua fidelidade a Kardec, sustentando de maneira eloqüente que a doutrina deve estar acima de tudo.

Do arquivo de Emmanuel (Chico Xavier)

Estávamos de viagem para longe do lar, quando um grupo de irmãos surgiu ao nosso encontro. Companheiros em prova de dificuldades. Solicitavam alguns momentos de prece. Entretanto, a condução nos aguardava para tarefas a distância. Mesmo assim, oramos por alguns minutos rápidos e buscamos instruções em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Aberto o livro, o item 12 do capítulo V convidou-nos à meditação e à troca de idéias, o que fizemos na pequena faixa de tempo de que dispúnhamos. Não havia ensejo para psicografia, mas o nosso amigo Emmanuel nos permitiu retirar ao acaso, do arquivo de suas comunicações, uma mensagem recebida há tempos. E essa foi a página que o nosso benfeitor espiritual intitulou por *Bênçãos Ocultas*. Tão oportuna se nos fez essa página, que a enviamos às suas mãos, de vez que todos nós concordamos em solicitar o seu concurso de sempre, para que a tenhamos com os seus preciosos apontamentos no *Diário de São Paulo*, se possível.

Guardando a certeza de que o prezado amigo nos dispensará a sua atenção costumeira, e agradecendo antecipadamente, sou o seu de sempre pelo coração: (a) Chico Xavier.

Bênçãos ocultas (Emmanuel)

Todos necessitamos de reconforto, nos dias de aflição.

Isso é justo. Por outro lado, porém, importa reconhecer que a Providência Divina, não nos dá dificuldades sem motivo. Entendendo-se, pois, que o Senhor jamais nos abandona às próprias fraquezas, sem permitir venhamos a carregar fardos incompatíveis com as nossas forças, toda vez que escorados em nossas tribulações, fuçamos de usar a consolação, à maneira de flor estéril.

Aproveitemos a bonança que surge depois da tormenta íntima para fixar a lição que o sofrimento nos oferece.

Não nos propomos, sem dúvida, elogiar os empreiteiros de contrariedades e os fabricantes de problemas, no entanto é preciso certificar-nos com respeito às vantagens ocultas nas provações que nos visitam.

– 0 –

Quem poderia adivinhar a que abismos nos levaria o amigo menos responsável, a quem nos confiamos totalmente, se ele mesmo não nos desse a beber o fel da desilusão com que se nos descerram os olhos para a verdade?

– 0 –

Quem conseguiria medir os espinheiros de discórdia em que chafurdaríamos o espírito, não fossem as decepções e lutas supor-

tadas por nossa equipe de trabalho, a nos ensinarem a união imprescindível para a senda a palmilhar?

– 0 –

Ingratidão, em muitos casos, é o nome da bênção com que a Infinita Misericórdia de Deus afasta de nós um ente amado, para que esse ente amado, por afeto em descontrole não nos induza a desequilíbrio.

Obstáculo, no dicionário da realidade, em muitas ocasiões, significará apoio invisível para que não descambemos na precipitação e na improdutividade.

Pranto e sofrimento exclusivamente para lamentar e desesperar seriam apenas corredores descendentes para desânimo e rebeldia.

– 0 –

Chorar e sofrer, sim, mas para reajustar, elevar, melhorar, construir.

– 0 –

Nossas provas – nossas bênçãos.

Reflete nos males maiores que te alcançariam fatalmente se não tivesses o socorro providencial dos males menores de hoje e reconhecerás que todo contratempo aceito com serenidade é toque das mãos de Deus, alertando-te o coração e guiando-te o caminho.

A taça da desilusão (Irmão Saulo)

As dificuldades e os dissabores que nos surgem pela frente não nascem por acaso. São como flechas que partem de um arco em direção a um alvo. Têm um sentido, que precisamos compreender, trazem-nos uma mensagem que precisamos decifrar. A taça de fel da desilusão não pode ser afastada, como não o foi nem mesmo a de Jesus, pois o seu amargor é remédio de que carecemos para livrar-nos de males maiores.

Se os amigos e companheiros que hoje nos traem, que se voltam contra nós, esquecidos de quanto lhes servimos em tantas oportunidades, e não raro de maneira inexplicável e injustificável, do que seriam capazes amanhã ou depois? É melhor que nos ofereçam o quanto antes a taça da desilusão, o fel da decepção. A vida terrena é rápida, como ensina o item citado de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e na sua rapidez saldamos em pouco tempo velhas dívidas que levaríamos séculos a pagar na vida espiritual. Muita gente se queixa de que a traição venha de parentes e amigos, dos próprios companheiros de trabalho. Mas de onde poderia vir, senão precisamente daqueles que marcham ao nosso lado?

Deus escreve direito por linhas tortas, diz o conhecido provérbio. Nossas provas, nossas bênçãos – escreve Emmanuel. Para o espírita, as ocorrências da vida, por mais nefastas que possam parecer, têm sempre um sentido oculto, que é a bênção oculta da mensagem de Emmanuel. É no Espiritismo que a tese da Providência Divina se justifica e se comprova, mostrando-nos que a mão de Deus traça o roteiro da nossa evolução: O homem põe e Deus dispõe. O homem se engana, mas Deus o desengana. Seria

absurdo protestarmos contra as medidas providenciais de Deus em nosso favor. É melhor romper-se um tumor do que alastrar-se a sua infecção por todo o organismo.

Lembrança do Cristo (Chico Xavier)

Nossa reunião pública de 14 foi consagrada às comemorações do Natal. *O Evangelho Segundo o Espiritismo* ofereceu aos nossos estudos e reflexões o item 5 do capítulo VI. Nossa amiga D. Maria Eunice Lucchesi, de São Paulo, comentou o texto com muito carinho e eficiência, lembrando a mensagem evangélica que a Doutrina Espírita encerra para o mundo.

Ao término de nossas tarefas, nossa irmã do plano espiritual, Maria Dolores, escreveu a mensagem que lhe envio, em plena lembrança do Cristo, nos dias presentes. Envio essa página na esperança de que possa figurar no *Diário de São Paulo* com os seus apontamentos.

Desde já muito agradeço a sua generosa cooperação de sempre ao prosseguimento de nossos estudos.

Oração por nós (Maria Dolores)

Senhor!

Sabemos nós que nos disseste:

– “Amai-vos uns aos outros,

Tal qual eu vos amei.”

Todos estamos certos quanto à lei.

Que em ti refulge sob a luz celeste,

– A luz do Eterno Amor!

Entretanto, Senhor,

Os nossos raciocínios

De fé e aceitação

Sempre desaparecem no barulho

Da vaidade e do orgulho

Em que nos mergulhamos com frequência,

Ensombrando a existência

Ao recusar-te o coração.

É por isto, Jesus,

Que te rogamos luz

Para rever-te a vida e escutar-te os chamados

Nos companheiros desesperançados,

Nos últimos das filas

Das multidões cansadas e intranquias

De que passamos ao redor,

Das quais nos chamas à cooperação

Por um mundo melhor.

Sabemos que nos falas
Através das crianças desnutridas,
Das mães que lutam por alimentá-las,
Dos enfermos que esperam
A vaga do hospital,
Dos irmãos outros de outros sanatórios,
Daqueles nosocômios diferentes,
Onde a justiça guarda os corações doentes
Que pulsaram no bem, vezes e vezes.
E atiraram-se ao mal...

Temos nós a certeza
De que nos buscas, dia-a-dia.
Nos que esmorecem de tristeza,
Dos que se vão na estrada escura e fria
Da deserção que os desconforta,
Naqueles cujo peito
Inda nutre a esperança quase morta,
De pés sangrando no caminho
Das grandes provações...

Conhecemos a luta em que te pões,
Pedindo-nos concurso e entendimento,
A fim de atenuar o sofrimento
De tantos corações
Atolados na sombra em velhos climas
De rebeldia, angústia e indiferença,
Companheiros dos quais nos aproximas
Agora e em toda parte,
A fim de interpretar-te
A divina presença.

É por isto, Senhor, que te imploramos:
Faze-nos olvidar as bagatelas
Entre as quais nos perdemos. . .
Arreda-nos do passo todas elas
De modo que possamos entender
O serviço contigo por dever.

Ajuda-nos, Senhor,
A lembrar-te e a esquecer
Tudo quanto se ligue a pensamento vão,
Para que o nosso amor jamais se torça,
Porque somente em ti, Jesus, existe a força
Que nos leva a entregar-te o coração.

Saber amar (Irmão Saulo)

As vésperas do Natal, a poetisa Maria Dolores nos lembra o mandamento do amor. Se o houvésssemos obedecido, a Terra seria hoje um mundo tranqüilo e feliz. Como não fomos capazes de segui-lo, vemo-nos envolvidos em lutas inglórias e submetidos a terríveis ameaças. Quando Jesus advertiu os discípulos contra o fermento dos fariseus, eles entenderam que o Mestre lhes falava de pão. Dois milênios depois fazemos o mesmo. O fermento do orgulho e da vaidade nos leva a desfigurar os seus ensinamentos e rejeitar as suas palavras. Somos alunos repetentes de muitos séculos!

O item 5 do capítulo VI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, citado por Chico Xavier, constitui-se de uma mensagem do Espírito da Verdade, que há mais de um século repetiu-nos, como porta-voz do Cristo, o seu ensino esquecido: “Espíritas, amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instrui-vos, eis o segundo”. A mensagem é dirigida aos espíritas, na era da razão, porque eles devem estar em condições de compreendê-la.

Não basta amar, é preciso saber amar. Jesus não nos trouxe apenas o amor, mas também a verdade. Ensinou-nos a raciocinar, a buscar o sentido da vida, a não nos perdermos de novo nas trevas da vaidade farisaica. Por isso o Espírito da Verdade acentua: Instrui-vos!

O Espiritismo é a Renascença Cristã, segundo a bela definição de Emmanuel. Inicia na Terra uma fase nova da ilustração, do iluminismo, desalojando a nossa mente do fanatismo sectário. No Renascimento tivemos a iluminação das Ciências. No Espiritismo temos a iluminação da Verdade sob as luzes conjugadas da

Ciência, da Filosofia e da Religião. Não temos o direito de nos perdermos de novo em jogos de palavras, como fizeram os sofistas gregos, os rabinos judeus, os clérigos medievais. Não temos o direito de corrigir os textos de Jesus e Kardec segundo a medida estreita da nossa miopia mental. Precisamos instruir-nos, libertar-nos dos preconceitos para não confundirmos o fermento do passado com o pão de cada dia que o padeiro nos entrega.

A prece de Maria Dolores é um convite de Natal à compreensão profunda das lições do Mestre, à rejeição “das bagatelas entre as quais nos perdemos, como crianças que brincam com os seixos da praia sem compreender a extensão e a profundidade do mar”

Abençoada lição que nos dá a grande poetisa do Além! Deixemos de lado os bilros das palavras e cuidemos do sentido real dos ensinamentos de Jesus, pondo-os em prática na realidade da vida. Neste Natal o Mestre nos olha compassivo, perguntando a si mesmo até quando continuaremos apegados à ilusão dos sofismas, tentando corrigir os seus ensinamentos.

Trabalho urgente (Chico Xavier)

Os amigos espirituais costumam informar que são muitos os mensageiros que estimariam o intercâmbio conosco, mas o trabalho urgente no mercado de consumo das idéias espíritas (esta definição é do nosso amigo Irmão X) não os tem permitido o contacto que seria de desejar. Aguardemos.

Em preces sobre os nossos assuntos, recebi os apontamentos do nosso querido Cairbar Schutel, dirigidos à sua bondade, que lhe envio.

Viagem acidentada (Cairbar Schutel)

O corpo é embarcação que às vezes, reclama reparos. A viagem na Terra – mormente agora, quando se afigura o mundo encapelado oceano – é marcha tocada de imprevistos acidentes, aguaceiros, dificuldades. Mas você está vencendo galhardamente tudo isso. Quanto ao mais, evite excessivas despesas de força mental, até que se observe intimamente refeito. Estamos a postos e, conosco, muitos companheiros da empreitada de trabalho renovador, a que nos empenhamos na seara da luz.

Confiemos, meu amigo, e dentro das nossas possibilidades, trabalhemos fiéis aos nossos compromissos com a Vida Superior. Com você, o amigo e companheiro reconhecido: Cairbar.

Na hora do testemunho (Irmão Saulo)

É fácil enfrentarmos a vida e mantermos acesa uma lamparina para iluminar o nosso recanto. Mas sabemos que não viemos ao mundo – mormente numa hora decisiva como esta – para viver isolados em nossa comodidade pessoal. E se temos consciência plena dessa realidade maior, sabemos quando ela nos chama para o testemunho público. Não é fácil então sairmos do recanto particular, onde nos basta a luz de uma lamparina, para acendermos lá fora o farol que deverá espancar as trevas de uma noite de temporal. As rajadas de vento e chuva, as descargas elétricas da atmosfera, a lama que invade a estrada, as dificuldades imprevistas exigem o nosso esforço em favor dos outros, até mesmo dos que se refugiaram nas cavernas da ignorância e da conveniência, da vaidade e do orgulho, amaldiçoando a nossa intervenção perturbadora.

Cairbar Schutel – cuja obra também está sendo adulterada neste momento – foi sempre um trabalhador incansável e um defensor da verdade acima de tudo. No seu tempo, que é ainda o nosso, Cairbar lutava para fazer aquilo que Chico Xavier ainda hoje proclama, no tocante às nossas atividades doutrinárias: “A Codificação acima de tudo!” Porque sem ela, sem a sua preservação, como Chico assinalou, não teremos sequer a possibilidade de discernir com segurança no plano dos valores espirituais. Como Bezerra, como Eurípedes, como Batuíra – o grande campeão dos princípios kardecianos em São Paulo – Cairbar zelou pela Codificação sem jamais transigir na hora do testemunho.

As palavras que nos dirigiu numa mensagem íntima, através de Chico Xavier, e da qual destacamos os trechos acima, por sua

evidente aplicação ao momento doutrinário que estamos vivendo, traçam as linhas claras da conduta única dos espíritas conscientes. Não quiséssemos guardá-las apenas para nós, na hora em que o rugir das paixões aturde a tantos companheiros que jamais suspeitaríamos capazes de fracassar na hora da prova.

Jesus não veio ao mundo para fundar uma nova religião sectária e criar novas escolas de fanatismo igrejeiro. O Cristianismo é um marco da evolução cultural e espiritual da Terra, um divisor de águas. O mundo antigo morreu para que um mundo novo surgisse. Mas Jesus sabia que a sua sementeira levaria dois milênios para desenvolver-se e frutificar. Por isso prometeu-nos o Espírito da Verdade, que enviou no momento preciso, incumbido de restabelecer a pureza dos seus ensinamentos e completar as revelações que não podia ampliar no seu tempo, em virtude do atraso cultural do mundo. A hora chegou e a hora é, como dizia Vinícius (o saudoso Pedro de Camargo), e não temos o direito de trair os nossos compromissos no momento mais grave da evolução terrena.

Enganam-se os que pensam servir ao Cristo deformando os textos de Kardec, tentando corrigir Kardec e Jesus, emendar os Evangelhos e a codificação. Os textos de Kardec constituem a III Revelação e são ditados e inspirados pelo Espírito da Verdade. Não é para fazer escândalo que os defendemos. O escândalo vem pelos que os adulteram, os que os deformam e ridicularizam, os que aprovam e sustentam essa traição consciente ou inconsciente à Doutrina Espírita. Que as palavras de Cairbar Schutel possam despertar os que ainda insistem no erro – é tudo quanto desejamos. Que a paz das consciências se restabeleça, com a volta de todos à fidelidade e ao respeito à Verdade.

Desavenças e antagonismos (Chico Xavier)

Em nossa reunião pública de ontem *O Evangelho Segundo o Espiritismo* nos deu o item 14 do capítulo X para estudos. Vários comentaristas discorreram sobre a nossa posição em face dos irmãos que não afinam espiritualmente conosco. Falaram sobre desavenças e antagonismos que se expressam em diversas formas.

Ao término das tarefas, o nosso caro Emmanuel escreveu a página que lhe envio, na desejo de tê-la, com os seus apontamentos doutrinários, em algum dos nossos lançamentos do *Diário de São Paulo* aos domingos. Exprimindo ao caro amigo os nossos agradecimentos por sua valiosa cooperação de sempre, num grande abraço, sou o seu de sempre: – Chico Xavier.

Desculpa e bênção (Emmanuel)

Solicitando o auxílio dos Mensageiros do Senhor para a garantia da paz entre nós e àqueles que ainda não nos entendem, é preciso construir o ambiente necessário para que semelhante auxílio se efetue.

Nesse sentido, se obstáculos e problemas te batem à porta, conserva a paciência por fator de receptividade ao socorro que a Divina Providência expedirá em teu favor.

Num painel de conflitos em que sejamos chamados a testemunhos de fé e compreensão, não nos será lícito esquecer que tanto somos filhas de Deus quanto aqueles que se fazem instrumentos de nossas dificuldades.

Aqueles que se nos erguem à frente na condição de adversários gratuitos, avançam em nossos próprios caminhos, freqüentemente invocando a proteção de Deus tanto quanto a invocamos.

E os outros que se transformam em perseguidores são outros tantos irmãos nossos, de pensamento enfermo e rumo inadequado, a requisitarem apoio de urgência pelos fardos de tribulações que carregam, às vezes muito mais pesados que os nossos.

Não te inclines ao desequilíbrio, quando alguém te reclame reações de entendimento mais amplo.

Aceita as aulas de serenidade e tolerância que a vida te oferece, com a certeza de que não te faltará o amparo de Mais Alto.

De qualquer modo, porém, colabora na conservação da harmonia e da benevolência para que o auxílio do Senhor não se te faça obscuro no imediatismo das necessidades humanas.

Desespero é nuvem formada pelos ingredientes da aflição inútil, impedindo-te visão e discernimento.

Cólera é tumulto absolutamente desnecessário, incitando-nos à queda em alucinação ou delinqüência.

Quando a tempestade da incompreensão esteja rugindo, ao redor de teus passos, recordemos o Cristo de Deus que nos propomos a seguir e servir.

“Ama aos inimigos e ora pelos que te perseguem e caluniam”.

Jesus, decerto, em se expressando assim, não exonerava os agressores da obrigação de arcar com os resultados infelizes das próprias ações, e sim aconselhava-nos à prática da imunização de espírito, ensinando-nos que desculpa e benção em amparo a todos aqueles que não nos compreendam, sempre serão bases eficientes para a vitória do amor pelo sustento da paz.

Guerra e paz (Irmão Saulo)

É difícil entendermos a atitude daqueles que, ombreando conosco em longas caminhadas no rumo da verdade e do bem, subitamente rompem a antiga ligação e passam a tratar-nos como adversários. Mais difícil, ainda, compreender agressões e calúnias proferidas pela boca de amigos e companheiros que ontem só tinham para conosco palavras de elogio e carinho. E tudo se confunde num temporal de incongruências e absurdos, quando o único motivo do rompimento foi o fato de não nos havermos afastado do caminho reto. Que razões teriam os companheiros revoltados para nos acusar, hoje, daquilo que ontem mesmo louvavam? Por que estranhos motivos não procuraram debater suas dúvidas conosco em pé de igualdade, à base do raciocínio fraterno? Por que fogem de nós e nos acusam por trás?

Jesus sofreu as negações de Pedro, a dúvida de Tomé, a traição de Judas. Não deixou de adverti-los com energia quando necessário, mas nunca se recusou a entender-se com eles e nunca deixou de amá-los. Quando precisou de um apóstolo capaz de tudo abandonar pela causa evangélica de ser fiel à verdade, acima de tudo foi buscar o seu inimigo mais feroz na estrada de Damasco e o arrebatou na sua luz e no seu amor. Paulo, por sua vez advertiu que ninguém devia dizer-se dele ou de Apolo, pois o fundamento de ambos era um só: o Cristo. Resistindo a Pedro corajosamente, repreendendo com energia os transviados da Igreja de Corinto, denunciando os apóstolos judaizantes, Paulo permaneceu de braços abertos a todos eles, embora sem transigir no tocante à verdade doutrinária do Evangelho. Foi ele o teórico do “bom combate”, exemplificando na prática a excelência da sua

teoria. Kardec, por sua vez, rejeitou e criticou a absurda mistificação de Roustaing, sem com isso fazer-se inimigo dos que o aceitavam. Há guerra e guerra, paz e paz. A guerra do bem utiliza-se das armas da verdade, que ferem a golpes de cirurgia, para curar o doente. Abençoada guerra. A paz da hipocrisia serve-se das armas da mentira e da calúnia, que envenenam, destroem e matam. E a paz enganosa do pântano, da deterioração moral.

É por isso que Emmanuel repete as palavras de Jesus: “Ama aos inimigos, ora pelos que perseguem e caluniam.” Imunizar-nos contra a perfídia, a arrogância, a vaidade – sem trair nem aprovar a traição à verdade – é combater o “bom combate” de Paulo, pela vitória do amor e pelo sustento da paz verdadeira, aquela em que os antagonismos se resolvem no plano da razão, do entendimento fraterno.

Problemas da evolução (Chico Xavier)

No início da nossa reunião pública de ontem, *O Livro dos Espíritos* deu-nos para estudo a sua questão 782. Os comentaristas teceram valiosas considerações em torno da nossa época de agitado progresso material. Muitos ângulos do assunto foram examinados. Ao término das nossas atividades, nosso caro Emmanuel escreveu a página que lhe envio, no propósito de recebermos sua valiosa contribuição, em apontamentos que nos auxiliem no estudo doutrinário, como sempre, agradecendo, desde já, o que possa fazer em favor da continuidade das nossas reflexões sobre a renovadora doutrina.

N. da R. A mensagem foi recebida na noite de 7 do corrente, e a carta de Chico Xavier é datada de 9, dia da reunião da USE em São Paulo.

Auto-renovação (Emmanuel)

Atualmente, na Terra, todos ouvimos, com frequência, a afirmativa geral – “eis que o mundo se transforma”.

Efetivamente, no plano físico, em apenas um quartel de século, alteraram-se basicamente quase todos os setores da vida em si.

Robôs específicos, quais sejam tratores ou máquinas de lavar, poupam imensidade de trabalho e os processos de intercâmbio, os mais rápidos, converteram o Planeta em casa grande com grande família inter-unida nas mesmas realizações e nas mesmas dificuldades.

A criatura humana, porém, conquanto se extasie perante os avanços do progresso e, por vezes, se veja estrangida a súbitos deslocamentos emocionais, em vista das novas orientações psicológicas, observa, dentro de si própria, que as ocorrências do espírito continuam as mesmas.

O amor genuíno não sofreu qualquer modificação; a atração dos sexos, do ponto de vista da coletividade, não experimentou mudança alguma; o sofrimento moral é absolutamente semelhante àquele que devastava civilizações de há muito desaparecidas; o imperativo da educação não abandonou o lugar que lhe compete na vida comunitária; a ordem social não passou por alienação nenhuma, a fim de que a segurança comum se faça resguardada nos alicerces da justiça; e a morte prossegue em toda parte, como sendo uma força que se impõe no mundo à custa de lágrimas.

Consideremos tudo isso e não te permitas abater se lutas, porventura te assediem a estrada.

Ante a perspectiva de mais mudanças no plano exterior, no imo da alma, sejamos mais nós mesmos.

Por mais complexa se mostre a moldura do quadro em que vives. no mundo, nele transitas, à feição de viajor, no hotel das facilidades materiais, com vinculações de trânsito e compromissos de tempo certo.

– 0 –

A Terra se renova, substancialmente, oferecendo reconforto em todas as direções; entretanto – ponderamos com respeito – é preciso saibas o que fazes de ti para que o carro da evolução não te colha sob as suas rodas inexoráveis:

– 0 –

Ampara-te na fé em Deus, seja qual seja o campo religioso em que estagies, construindo resistência íntima com os recursos do conhecimento e do amor.

Desvincula-te das preocupações improdutivas para que te não afastes da essencial.

Usa os bens que a vida te empresta atendendo ao bem dos outros, sem permitir que os bens dos quais te fizeste usufrutuário te acorremem ao poste das aflições inúteis.

Serve sem apego.

Ama sem escravizar o próximo ou a ti mesmo.

E ilumina-te, seguindo adiante.

– 0 –

É da Lei Divina que o mundo se transforme independentemente de nossa vontade; mas é igualmente da Lei do Senhor que a nossa renovação, sejam quais forem as influências exteriores, dependa sempre e exclusivamente de nós.

Em defesa de Chico (Irmão Saulo)

Chega no momento oportuno esta mensagem de Emmanuel. Dia 9 último, na reunião do Conselho Deliberativo Estadual da USE, o sr. Luís Monteiro de Barros leu uma carta de Paulo Alves Godoy em que este atira sobre o médium Chico Xavier a responsabilidade pela adulteração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Acontece que Chico não é membro da Federação nem da USE e não exerce em nenhuma dessas instituições qualquer espécie de cargo administrativo. Como pode ele responder pela adulteração praticada? A acusação caiu no vazio, mas serve para ilustrar as assertivas de Emmanuel em sua mensagem que hoje publicamos, enviada por Chico para esta edição.

Emmanuel considerou a existência de dois planos evolutivos: o plana do mundo, constituído pela Natureza e a Sociedade, e o plano do homem, em que temos um ser espiritual em desenvolvimento. É a mesma colocação feita em *O Livro dos Espíritos* na questão 782, a que Chico se refere em sua carta, no trecho acima transcrito. Escreve Emmanuel: “Ante a perspectiva das mudanças no plano exterior, sejamos mais nós mesmos”.

Nesta hora de transição da Terra as mudanças se aceleraram em todos os setores. O sr. Paulo Alves Godoy, como confessa na sua explicação da edição adulterada, quis seguir o ritmo das mudanças no plano Exterior, imitando as “atualizações” que são feitas na Bíblia e nos Evangelhos pelas várias religiões cristãs. Deixou de ser ele mesmo, esqueceu-se de sua condição espírita e atirou-se ao campo das mudanças adotadas pelas religiões formalistas. O resultado foi o que vimos. Felizmente a USE (União das

Sociedades Espíritas do Estado) não se deixou levar por essa fascinação, reprovando-a energicamente.

O que falta a muitos espíritas neste momento é compreender o problema colocado por Emmanuel. Um pouco de reflexão e de humildade teria evitado toda essa confusão. Chico e os espíritos não podem responder pelas ações decorrentes do livre-arbítrio humano.

Carta-confissão (Chico Xavier)

Li, hoje, 23, o seu texto doutrinário no *Diário de São Paulo*, intitulado “Em Defesa de Chico”. Foi, para mim, um apontamento altamente benéfico, porque me levou a memorizar um encontro que tive, em 1973, com os nossos confrades Paulo Alves Godoy e Jamil Salomão. Falávamos da excelência da Obra Kardequiana, compulsando um exemplar da 51 edição de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, quando me referi a certa expressão do item 5 do cap. XV, expressão essa que, se me fosse possível estimaria substituir por outra, equivalente em sentido, para evitar hiatos de atenção em muitos dos assistentes das reuniões públicas de doutrina mormente os companheiros de frequência iniciante. E, como estudávamos reações do público nos encontros doutrinários, reporteime às palavras “fogo do inferno”, constantes da última frase do item 3 do cap. IX, que, igualmente, de minha parte, estimaria ver substituídas por outras que não alterassem a significação do texto.

Nossa conversação gravitou para outros aspectos do nosso campo de ação. E, sem dúvida, os três concordávamos em que as expressões apontadas fossem reestudadas, em tempo oportuno, por autoridades indicáveis na solução do problema, ante as estruturas de comunicação da língua portuguesa. Compreendo que o nosso irmão e amigo Paulo Alves Godoy, decerto no intuito de demonstrar apreço a este pequeno servidor – o que eu teria claramente evitado, não só por não merecer isso, como também porque não seria justo empreender renovações verbais nos textos kardequianos sem uma reunião de cúpula, em que os companhei-

ros mais categorizados se manifestassem no assunto – terá promovido trabalho de profundidade.

A carta a que se refere a sua nobre página do *Diário de São Paulo* me fornece a chave da solução do problema, pelo qual me vejo realmente culpado, embora involuntariamente, pelos enganos havidos. Creia, caro amigo que assumo a responsabilidade dessa culpa. Por invigilância minha, no desejo de honrificar os textos kardequianos nas reuniões públicas, terei suscitado em nosso irmão Paulo Alves Godoy o desejo de realizar um trabalho, não desrespeitoso por intenção, mas apressado pela boa vontade.

Dói-me vê-lo em lutas de tamanhas dimensões, ante o problema que se fez obscuro e inquietante, e peço-lhe desculpas se involuntariamente me fiz de uma perturbação tão grave, em que o seu sofrimento é maior (Carta dirigida a Herculano Pires).

A trama da adulteração (Irmão Saulo)

Torna-se evidente, pela carta-confissão de Chico Xavier, a audaciosa trama da adulteração, que começou pelo envolvimento do médium de Uberaba, a partir do seu desejo de melhor atendimento das pessoas que se iniciam no Espiritismo, ainda carregadas de conceitos errôneos sobre o problema da salvação. Paulo Godoy e Jamil Salomão foram consultar o médium sobre uma questão que não era de sua competência. Ambos tomaram as referências de Chico a expressões fortes dos Evangelhos como ordenações de um oráculo. Chico falava por si mesmo, propondo questões, mas os consulentes, ávidos de instruções superiores, consideravam-se em face de um semi-deus e não apenas de um médium, de um homem que se dedica ao serviço do amor não das graves questões doutrinárias, que abrangem todo texto da Codificação e os mais vastos problemas da História e da Cultura. Saíram de Uberaba como investidos de um mandato divino. Iam iniciar uma nova fase do Espiritismo, iam “renovar e atualizar Kardec”.

Envolvido o médium – que nem percebera a gravidade de suas ponderações – foi fácil envolver o Departamento do Livro da Federação Espírita do Estado de São Paulo. E lançada a edição adulterada que exigiu elevado emprego de capital, o interesse material imediato sobrepõe-se naturalmente (pela força das coisas, como dizia Kardec) ao interesse moral e espiritual de preservação da doutrina. Essa a razão por que, dali por diante, os envolvidos na trama não deram ouvidos a nenhuma advertência e se mostraram tão apaixonados e insistentes na sustentação do erro.

Julgaram-se seguramente escudados na palavra do Céu e nos interesses da Terra para sustentarem a sua estranha posição.

Nenhum deles teve a humildade de confessar o seu erro, a sua invigilância, como Chico Xavier o faz nessa carta dolorosa. É natural que Chico pensasse numa reunião de cúpula para estudar o assunto. A posição das cúpulas, entretanto, evidenciou a ignorância das mesmas. Não fosse a reação das bases, a adulteração estaria hoje institucionalizada. E dentro em pouco não saberíamos mais o que Kardec escreveu, porque os escribas ingênuos, iluminados supostamente pelo Alto, prosseguiriam na deformação programada e confessa de toda a Codificação.

Chico Xavier ainda propõe, na carta acima, de que publicamos apenas a parte essencial, uma reunião de cúpula para reexaminar o assunto. Isso demonstra o seu alheamento à realidade terrena com que nos defrontamos. Seria o mesmo que, depois da crucificação de Jesus, os apóstolos pedissem ao Sinédrio a revisão do processo que o levou ao sacrifício. As organizações de cúpula do movimento doutrinário mantiveram o mesmo silêncio dos rabinos no Templo, quando as trinta moedas de Judas tilintavam aos seus pés, no gesto desesperado do traidor arrependido. Qual a cúpula que se manifestou em defesa da doutrina? O próprio Conselho da USE só o fez depois de vendidos os trinta mil volumes de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* adulterado, não obstante já houvesse tomado posição contrária à adulteração desde 8 de dezembro de 1974. Que forças impediram o pronunciamento que ficou engavetado durante três meses?

Que autoridade têm as chamadas cúpulas para “renovar” textos evangélicos e doutrinários? O episódio da adulteração se encerra, com essa carta-confissão de Chico Xavier, deixando-nos o saldo pesado de uma capitulação que atingiu a figura de um

médium que se firmara em nosso movimento como exemplo inatacável. Não obstante, vale a experiência para nos alertar quanto ao perigo dos escorregões a que todos estamos sujeitos. A vaidade humana é a casca de banana na calçada da nossa invigilância.

A carta-confissão de Chico Xavier é um documento amargo. Ele procura tomar sobre si a responsabilidade do que os outros fizeram e revela desconhecer a extensão da sua própria responsabilidade no campo doutrinário. Chico, Xavier é um homem, um médium, com missão mediúnica específica, e não um líder, um dirigente, um oráculo grego. Compreendamos isso e procuremos poupá-lo, para que ele possa concluir sua missão em paz.

Consolador prometido (Chico Xavier)

O Espiritismo, no panorama atual do mundo, é realmente aquele consolador prometido por Jesus à humanidade. Porque, quantos dele se aproximam, com devotamento à verdade, encontram recursos para a resistência íntima contra qualquer perturbação. Estamos vivendo uma época muito difícil, um período inçãdo de muitos obstáculos na vida espiritual de todos, porque a renovação está chegando para todos na Terra à maneira de explosão: uma explosão de sentimentos, de pensamentos, de palavras, de ações, e sem a explicação do Espiritismo teríamos muita dificuldade para harmonizar o nosso mundo íntimo. Por isso consideramos que o Espiritismo é uma providência da misericórdia do Senhor em nosso benefício, a fim de que cada um de nós esteja no lugar certo, com obrigações certas, e desempenhando nossos deveres tão bem quanto nos seja possível.

A sublime tarefa (Emmanuel)

Ao Espiritismo cabe, atualmente, no mundo, grandiosa e sublime tarefa. Não basta definir-lhe as características veneráveis de consolador da humanidade. É preciso também revelar-lhe a feição de movimento renovador de consciências e corações. A morte física não é o fim. É apenas mudança de capítulo no livro da evolução e do aperfeiçoamento. Ao seu influxo, ninguém deve esperar soluções finais e definitivas, quando sabemos que cem anos de atividade no mundo representam uma fração relativamente curta de tempo para qualquer edificação na vida eterna.

Infinito campo de serviços aguarda a dedicação dos trabalhadores da verdade e do bem. Problemas gigantescos desafiam os espíritos valorosos, encarnados na época presente com a gloriosa missão de preparar a nova era, contribuindo na restauração da fé viva e na extensão do entendimento humano. Urge socorrer a religião, sepultada nos arquivos teológicos dos templos de pedra, e amparar a ciência, transformada em gênio satânico da destruição.

A espiritualidade vitoriosa percorre o mundo, regenerando-lhe as fontes morais e despertando a criatura no quadro realista das suas aquisições. Há chamamentos novos para o homem descrente do século XX, indicando-lhe horizontes mais vastos, a demonstrar-lhe que o espírito vive acima das civilizações que a guerra consome ou transforma, na sua voracidade de dragão multimilenário.

Ante os tempos novos, e considerando o esforço grandioso da renovação, requisita-se o concurso de todos os servidores da verdade e do bem. Na consecução da tarefa superior, congregam-

se encarnados e desencarnados de boa vontade, construindo a ponte de luz através da qual a humanidade transporá o abismo da ignorância e da morte.

Momento de reflexão (Irmão Saulo)

Desde o tempo de Kardec os espíritos vêm advertindo-nos, sem cessar, que estamos numa fase acelerada de evolução para uma nova era. O Espiritismo surgiu para orientar os homens nesse processo e traz consigo os elementos necessários para essa orientação. Oferece-nos um novo conceito do homem e da vida, uma nova mundividência, novos princípios filosóficos e novas perspectivas no campo científico. Prepara-nos para a renovação das estruturas sociais, já em desenvolvimento. Todo o esquema da Doutrina Espírita apresenta-se harmonioso, perfeitamente conjugada em seus diferentes aspectos, antecedendo as conquistas em marcha nos vários setores do conhecimento.

É por isso que não se pode falar em atualização do Espiritismo sem demonstrar ignorância doutrinária. Atualiza-se o que caducou, o que foi superado pela evolução, o que pertence ao passado. A própria linguagem da Codificação não comporta modificações pretensamente renovadoras. Se assim não fosse, teríamos de considerar como fracassados os espíritos superiores que a revelaram e que, desde o princípio, indicam a sua função de plataforma do futuro.

Representando uma síntese da revelação espiritual e da revelação científica, que nela se conjugam, a Doutrina Espírita inicia a nova era da evolução terrena. Assim como o Evangelho preparou, há dois mil anos, o advento da era da razão, o Espiritismo prepara, neste momento, o advento da era cósmica e da civilização do espírito. Quem conhece a Doutrina e acompanha o ritmo da evolução contemporânea pode comprovar, a cada passo, a

realização dos pressupostos espíritas no campo da ciência, da filosofia, da religião, da estética e da ética em nosso tempo.

Todos os pretensos reformadores de Kardec só têm produzido confusões no meio espírita, criando problemas muitas vezes insolúveis e acarretando transtornos que retardam a marcha necessária da difusão doutrinária. Ao invés de procurarem aprofundar os seus conhecimentos, tanto da doutrina quanto do panorama evolutivo atual, esses reformadores se emaranham em suas próprias idéias, formulam proposições absurdas, arrastam em suas maquinações outras criaturas aturdidas com as transformações violentas do nosso tempo e acabam aniquilando os esforços dos que estudam, dos que, sincera e honestamente, lutam para a divulgação da doutrina redentora.

Este é também um sinal dos tempos, não há dúvida, mas poderia ter menor amplitude e causar menos danos se os pretensos inovadores usassem pelo menos de um pouco de reflexão. Não se pode tratar de assuntos tão graves, relacionados intimamente com a evolução planetária, sem humildade e bom senso. E o que mais vemos, nessas ocasiões, são a vaidade arrogante, a falta de senso, a paixão que obscurece as faculdades mentais. O episódio recente da adulteração de textos de Kardec aí está, como prova dolorosa do desvariado a que se pode chegar, mesmo entre antigos mas invigilantes trabalhadores da seara.

Os trechos de Chico Xavier e de Emmanuel que reproduzimos hoje devem servir para a reflexão, um momento ao menos de reflexão por parte daqueles que ainda se empenham em sustentar e defender a profanação praticada nos textos de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Que olhem ao seu redor e avaliem a extensão da devastação praticada. Não defendemos opiniões

personais, defendemos a doutrina. Temos de preservar o patrimônio de luz e verdade que Jesus nos legou através de Kardec.

Responsabilidade doutrinária (Chico Xavier)

Não fosse a responsabilidade que a todos nós assinala, em nossa renovadora doutrina, e não estaria aqui, perante o caro amigo, imprimindo maior extensão ao problema que o preocupa quanto à obra de Allan Kardec. Tenho estado em tratamento de saúde e com ausências freqüentes desta cidade, mas espero estar em Uberaba mais regularmente a partir da segunda quinzena de abril.

Se esta carta despreziosa, sem nenhuma idéia de parecer humilde, mas com o sincero intuito de corrigir o meu próprio erro, motivado por invigilância, puder servir de justificação ao movimento de reexame do assunto, com a paz e a verdade iluminando os nossos caminhos de união maior, ficarei profundamente grato à sua generosidade de amigo, aceitando-me as explicações que obedecem à realidade das ocorrências a que me refiro.

Autorizando o caro amigo a fazer o uso que desejar de minhas presentes declarações, publicando-as ou não, mas veiculando-as como melhor pareça à sua nobre orientação doutrinária, com um abraço de muito apreço e de muita estima, o amigo e servidor muito grato de sempre:

(a) Chico Xavier.

A difícil humildade (Irmão Saulo)

Todos conhecemos a humildade natural de Chico Xavier, que agora, mais do que nunca, se comprova de maneira emocionante, no triste episódio da adulteração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Enquanto os autores da profanação tudo fizeram para sustentar a posição infeliz que assumiram, chegando mesmo a atribuir a adulteração a sugestões do plano espiritual e do conhecido médium, este se despe de qualquer pretensão para humildemente confessar seu erro e sua invigilância, quando foi consultado pelos emissários da FEESP.

Muitas criaturas demasiado sensíveis não gostaram da publicação que fizemos da confissão de Chico a respeito. Entendem que o assunto devia permanecer entre quatro paredes. Mas o próprio Chico, como vemos nos trechos acima, autorizou-nos a divulgá-la como melhor o entendêssemos, e acrescentou: “mas veiculando-a”. No Espiritismo, como no Cristianismo primitivo, não há segredos nem mistérios ocultos ao povo, reservados a um possível colégio sacerdotal. A verdade é o seu fundamento, nada mais que a verdade. E como a sua finalidade é conduzir os homens a toda a verdade, seus grandes problemas são acessíveis a todos.

Longe de diminuir a grandeza moral e espiritual de Chico Xavier, a atitude límpida e sincera do médium só pode engrandecê-las. Se Chico fugisse à responsabilidade do seu erro, procurando disfarçá-la ou ocultá-la, então sim, ter-se-ia diminuído perante as consciências esclarecidas. Com essa declaração sincera e franca, reconhecendo sua falibilidade humana – o que desagradava aos que pretendem fazer dele uma espécie de semideus, Chico

Xavier confirma o que sempre disse de si mesmo, considerando-se como simples serviçal do Espiritismo.

E mesmo ao fazê-la, com evidente grandeza, Chico ainda se engana ao propor uma reunião de cúpula para reexaminar o caso, já felizmente encerrado, da adulteração, pois não há cúpulas dotadas de autoridade para examinar adulterações de obras de Kardec, essas obras que, elas sim, procedem diretamente das mais altas esferas da Espiritualidade. Errar é humano, como todos sabem, e o que é um médium, por mais dedicado e sincero, senão uma criatura humana.

Ao divulgar a confissão de Chico, de acordo com a sua própria autorização, não quisemos diminuí-lo. Pelo contrário, entendemos que a publicação devia engrandecê-lo. Há o Chico Xavier como homem e como médium, com todos os direitos humanos, e há o mito de Chico Xavier, que como todos os mitos deve ser destruído. Só assim o homem se engrandece, nas verdadeiras proporções da sua grandeza humana. O próprio Cristo, que veio destruir os mitos, quando foi transformado em mito pela ignorância, o fanatismo e a ambição desmedida dos homens, perdeu sua autenticidade. O Espiritismo, que é o Consolador por ele prometido e enviado à terra, não pode alimentar-se dos resíduos mitológicos que trazemos do passado. É bom nos lembrarmos do “fermento dos fariseus”.

Chico Xavier, em mais de quarenta anos de mediunidade, foi sempre um exemplo de humildade e de fidelidade à doutrina. Devemos considerá-lo na perspectiva dessa grandeza humana, feita de sacrifícios inimagináveis, por toda uma vida de abnegação. E quando ele agora nos dá essa oportuna e maravilhosa lição de humildade, expondo-se à crítica necessária dos espíritas convictos e conscientes, não cometamos o erro de censurá-lo par

isso. Recebamos a lição em nossa apoucada humildade e sejamos capazes de compreender a sua verdadeira grandeza.

A difícil humildade humana resplende nos grandes momentos, que tanto podem ser belos ou dolorosos. Dói-nos uma confissão de erro feita pelo médium que nos acostumamos a endeusar, contra as próprias advertências de Kardec. Mas a dor é nossa mestra, como ensina a doutrina, e só através dela aprendemos a superar as nossas imperfeições. A dor é lei de equilíbrio e educação, ensinou Léon Denis.

Chico Xavier com Jesus e Kardec (Chico Xavier)

O Espiritismo com Jesus e Kardec deve estar e estará, sempre, com o auxílio dos Mensageiros do Senhor, muito acima de nós. Assim tenho aprendido de nossa doutrina de luz e amor. Não posso, mas não posso mesmo, considerar-me um médium com qualidades especiais. Preciso, e preciso muito, do amparo de todos os companheiros da nossa causa, principalmente no que se refere aos assuntos de orientação doutrinária, para que as minhas fraquezas de criatura não se imiscuem nas manifestações de bondade dos benfeitores espirituais.

Médium falível, e talvez até mais falível do que os outros de minha singela condição, se estou bem, isso se deve à presença dos benfeitores espirituais em meus passos, e se estou mal, o que acontece muitas vezes, é que estou em mim mesmo e por mim mesmo. Nessa luta prossigo. E, por isso mesmo, necessito do apoio de todos os amigos que amam a nossa doutrina redentora. Continuo, desse modo, a pedir e pedir as preces de todos os irmãos em meu favor, e vou seguindo, na marcha dos dias, confiando nos Mensageiros de Jesus.

O exemplo maior (Irmão Saulo)

Extraímos os trechos acima de uma carta que Chico Xavier nos enviou, com data de 19 do mês findo. Carta íntima, seguida de outra acompanhando a mensagem para esta seção, que publicaremos no próximo domingo. Os conceitos emitidos pelo médium, com a espontaneidade e a humildade que o caracterizam, são de tal ordem que não nos sentimos no direito de reservá-los apenas para nós e as pessoas de nossa intimidade. Palavras como essas devem ser levadas ao conhecimento de nossos leitores, pois nos dão a imagem exata do médium, de sua posição no momento de crise que estamos atravessando, e oferecem a todos nós o exemplo maior de que carecemos.

O Espiritismo, sendo o Consolador prometido por Jesus, que nos leva a toda a verdade, não pode conciliar-se com as simulações e fantasias das convenções humanas. Temos de aprender a enfrentar a verdade à luz do dia, a mostrar-nos como realmente somos, a não esconder ao público as deficiências naturais da nossa condição humana. Inútil quereremos passar por criaturas modelares e infalíveis ou quereremos fingir que o movimento doutrinário não tem falhas. Chico sempre nos deu esse exemplo, mas nunca ele se tornou tão necessário e capaz de tocar-nos como agora.

Temos de compreender que o Espiritismo é uma doutrina aberta, sem mistérios reservados a nenhuma categoria de iniciados, sem nada oculto, e que o movimento doutrinário é a própria marcha do homem – em sua expressão individual e coletiva – na busca da verdade sobre a sua própria essência e o seu destino. Todos devem participar dessa marcha, não só os espíritas, como

possíveis privilegiados de um deus sectário e caprichoso. Jesus, com o seu sacrifício, não rasgou apenas o véu do Templo de Jerusalém, mas também os véus de Isis e de todas as confrarias privilegiadas do passado. O Cristianismo implantou na Terra a democracia espiritual, que os homens deformaram com o fermento velho do seu farisaísmo, mas que os espíritos restabelecem através do Espiritismo.

Os que desejam oferecer ao público uma imagem artificial do movimento espírita, enganam-se a si mesmos, antes de enganar os outros. Os que pretendem apresentar um médium como Chico Xavier, aos olhos do povo, como uma espécie de semideus, perturbam a própria missão do médium, que sempre se esforçou para mostrar-se como um simples homem, sujeito às deficiências humanas. A autenticidade de Chico Xavier e de sua mediunidade ressaltam de suas constantes declarações públicas, sempre marcadas por uma consciência nítida, jamais disfarçada, de sua fragilidade humana.

No fundo, os endeusadores do médium nada mais fazem do que endeusar-se a si mesmos. É a tendência natural da criatura humana de querer engrandecer-se à custa da grandeza alheia: do mestre, do chefe, do sacerdote, do pastor ou do médium. Mas o Espiritismo é contrário a essa tendência, que foi útil e até mesmo necessária no passado, e agora está superada e se transforma num estorvo à evolução humana. A revelação espírita alargou e aprofundou a nossa visão da realidade, mostrou-nos o mundo, a vida e o homem como realmente são, libertou-nos das ilusões mitológicas.

Estamos na era da razão, no limiar da era do espírito. As iniciações ocultas não têm mais nenhum sentido. Os privilégios sacerdotais desaparecem com os privilégios da nobreza política.

Avançamos, como anunciou Kardec, para os tempos da aristocracia intelecto-moral, em que os valores individuais não se medem pelos títulos perecíveis, mas pelas aptidões espirituais do desenvolvimento evolutivo. Conhecemos as leis que regem o crescimento moral das criaturas e sabemos que todos, igualmente, estamos sujeitos a elas e, como afirmava o Apóstolo Paulo, “somos herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo”.

É por isso que Chico Xavier, à revelia dos que desejam en-deusá-lo, reconhece de público a sua fragilidade humana e não pretende passar por criatura privilegiada. Longe dele essa pretensão orgulhosa. Chico, nosso irmão, nosso companheiro, marcha conosco nas provas do mundo.

As Cartas de Chico Xavier

Os documentos da angústia (J. Herculano Pires)

As cartas que Chico Xavier nos enviou, no período negro da adulteração, são os documentos da angústia por que passamos, todos os que víamos uma instituição espírita prestigiosa, envolvida pelas trevas no processo criminoso de adulteração da Doutrina. De março de 1975 a janeiro de 1976, como se vê pelas datas das cartas que ora publicamos, o abnegado médium escreveu-nos, revelando a sua perplexidade. Chegou mesmo, no princípio, a querer assumir a responsabilidade do desastre, aliviando os verdadeiros responsáveis. Viu-se depois na impossibilidade de fazê-lo, pois esse gesto de extrema abnegação contradiria todo o prolongado esforço de um trabalho mediúnico fiel, por quase meio século de rigorosa orientação doutrinária. Vemo-lo então confessar, amargamente, que nada tinha com o que se passava.

Por isso tivemos de defendê-lo em certo momento e de incriminá-lo em outro, até que o esclarecimento se fizesse. Chico autorizou-nos a publicar os trechos de suas cartas que achássemos necessários, ou a usá-las por inteiro. Preferimos a transcrição total das mais significativas, para que o testemunho dos fatos ficasse completo, mostrando aos leitores a que ponto as trevas conseguiram afetar o trabalho na seara. A leitura e o exame atento desses documentos impõem-se a todos os espíritas de boa vontade e particularmente aos jovens, que neles encontram os recursos vivos e emocionantes para a vigilância que devem exercer no comportamento doutrinário. As novas gerações reelaboram as experiências das anteriores, como ensina Dewey, e neste caso

as experiências podem ser examinadas na confissão espontânea do médium que marcou entre nós meio século de intensa atividade doutrinária.

Este livro era para ter saído muito antes, mas as dificuldades surgidas foram tantas, que só agora conseguimos superá-las. A luta contra a verdade espírita é muito maior do que geralmente se pensa. Num mundo inferior como o nosso, as forças negativas dispõem de mais recursos e possibilidades de ação do que as forças positivas. Mas a verdade acaba sempre vitoriosa, quando os que a propagam e defendem são sinceros e dotados de firme convicção. As cartas de Chico Xavier nos dão a medida exata da sua convicção espírita, bem como do seu amor e do seu zelo pela doutrina.

UBERABA, 19/04/1975

Caro Amigo Professor Herculano:

Deus nos abençoe

Recebi a sua estimada carta de 16 e agradeço a sua generosidade e atenção de sempre.

A ausência da semana foi motivada por minha ida rápida a Pedro Leopoldo, mas estou nesta carta com os meus agradecimentos habituais.

Recebi igualmente a sua prezada carta de 27/03 e li, com muita atenção, os seus apontamentos em nossa página do *Diário de São Paulo*, na edição de 6 do corrente.

Pode crer o querido amigo que tenho as suas manifestações referidas na mais alta conta como sempre sucede. Suas palavras nunca me poderiam ferir.

Elas nascem de sua necessidade, de seu imenso amor à nossa causa e o Espiritismo com Jesus e Kardec deve estar e estará sempre com o Auxílio dos Mensageiros do Senhor, muito acima de nós. Assim tenho aprendido de nossa Doutrina de Luz e Amor e assim tenho visto em seus nobres exemplos. Lamento apenas não haver percebido, de minha parte, que me achava na base das dificuldades havidas porque a minha conversação com os nossos prezados confrades Paulo Alves Godoy e Jamil Salomão era para mim assunto de rotina, de que tratara muitas vezes com amigos outros em conversações públicas e abertas, aguardando que companheiros competentes pudessem examinar as duas expressões de que falei ao estimado amigo, em correspondência anterior, – do ponto de vista de tradução apenas. Se houvesse tomado conhecimento de minha situação nos fatos, não poderia negar a minha responsabilidade e nem fugir de abraçá-la, como o fiz.

De qualquer modo, estou muito grato, caro Professor, por tudo. Digo isso, de coração, sem qualquer idéia de fazer efeitos.

Sua palavra amiga e correta de sempre, convidando-me a pensar mais detidamente em meus compromissos e encargos mediúnicos, é uma atitude abençoada e nobre. Não posso, mas não posso mesmo, me considerar um médium com qualidades especiais. Preciso e preciso muito, do amparo de todos os companheiros da nossa Causa, principalmente no que se refere aos assuntos de orientação doutrinária, para que as minhas fraquezas de criatura não se imiscuem nas manifestações de bondade dos Benfeitores Espirituais, trazendo complicações à nossa Seara de Luz e Amor, com as minhas falhas de comportamento. Creio que essas falhas são devidas mais à minha própria ignorância do que ao meu intuito de cultivá-las, mas quem sabe, caro amigo? Na mediunidade, mesmo naquelas exercidas por longo tempo, o médium pode ser acometido por acessos de invigilância, de vai-

dade, de orgulho, de intromissão na Obra dos Bons Espíritos, e criar muitas faixas de sombras. Médiun falível e talvez até mais falível do que os outros de minha singela condição, se estou bem, isso se deve à presença dos Benfeitores Espirituais em meus passos e se estou mal, o que acontece muitas vezes, é que estou em mim mesmo e por mim mesmo.

Nessa luta prossigo e, por isso mesmo, necessito do apoio de todos os amigos que amam a nossa Doutrina Renovadora.

Continuo, desse modo, a pedir e pedir preces de todos os irmãos, em meu favor, e vou seguindo, na marcha dos dias, confiando nos Mensageiros de Jesus.

Quanto à nossa página no *Diário de São Paulo*, não terá, para mim, seu amigo e admirador, qualquer significação sem a sua presença. Peça-lhe, e peça-lhe, de coração, continuarmos juntos nessa tarefa aos domingos. E fale-me sempre como preciso ouvir. Exponha os seus pensamentos com a sua sinceridade de sempre. E creia, caso venha a desistir do seu nobre trabalho no Diário, em nossa seção aos domingos, de minha parte, considerarei também cessada a tarefa que me coube até agora. Juntos, começamos, juntos terminaremos.

Não saberia continuar sem o seu braço de companheiro.

Que Jesus nos ajude e nos abençoe para continuarmos no trabalho de sempre.

- - - - -

UBERABA, 27/04/1975

Caro Professor Herculano

Deus nos abençoe

Li hoje os seus apontamentos no Diário que estão notavelmente doutrinários. Deus nos abençoe e nos fortaleça para servirmos em nossos ideais. De mim mesmo, sou eu quem agradece a sua bondade e o seu apoio que me fazem sempre muito feliz e reconhecido.

A Doutrina necessita de companheiros sempre firmes na dedicação à nossa Causa e o seu exemplo é sempre para mim uma luz.

Humildade, não tenho, e a verdade está aí. Estou longe de ser o que devo ser, e só me consola a certeza de que luto para não ser o que sou e como sou, para ser o que realmente devo ser e o que esperam de mim.

Que Jesus tenha misericórdia deste seu amigo e servidor.

UBERABA, 17/05/1975

Meu caro Professor Herculano

Deus nos abençoe

Recebi a sua confortadora carta de 25 último e sou eu quem agradece a sua dedicação. Suas palavras, como sempre, me trouxeram grande edificação espiritual e estou convencido de que os pioneiros de nossa Doutrina de Luz e Amor, qual Léon Denis e outros, estarão sustentando as suas forças nas tarefas gigantes da hora que atravessamos. O Senhor, por Seus Mensageiros, fortalecer-lo-á e renovar-lhe-á as energias, como sempre sucede, e tê-lo-emos firme na segurança de nossos princípios, a orientar-nos os caminhos.

É preciso não esmorecer e prosseguir à frente, porque o trabalho da Espiritualidade é sempre maior e sei que esse trabalho bendito, em suas mãos, cresce com as horas.

Se os companheiros sinceros e dedicados à nossa Causa silenciarem, o que será de nosso movimento assediado por vendavais da sombra, em todas as direções?

O luta é grande, mas a proteção dos Bons Espíritos é sempre maior e eles, os nossos Amigos da Vida Superior, que velam por nós, sustentarão as suas forças.

Sou, por espontânea vontade, conscientemente escravo dos meus deveres para com os nossos Benfeitores Espirituais, no entanto, perante os nossos irmãos da Humanidade, estou descompromissado e livre para respeitar as suas manifestações de lidador sincero e leal da Doutrina Espírita e para admirá-lo em sua fortaleza de ânimo e em sua fidelidade aos nossos princípios renovadores.

Jesus nos proteja e nos auxilie a seguir para adiante.

Agradeço a generosa remessa do seu livro *A Pedra o Joio*, portador de estudos e reflexões que me alertam e me auxiliam a pensar e discernir, como também agradeço o belo Volume *A Cor de Deus*, de autoria do nosso distinto poeta Rudmar Augusto, com a sua generosa dedicatória. É um formoso livro de apelos à verdade e à confraternização humana. Muito grato por suas atenções de sempre.

UBERABA, 08/07/1975

Caro Professor Herculano

Deus nos abençoe

O seu belo estudo *Chico Xavier, o homem, o médium o mito* muito me alegrou e enterneceu.

Muito reconhecido ao carinho e a sinceridade de que as suas considerações estão impregnadas. A condição humana é uma bênção, mas a mitologia é dura de enfrentar. Efetivamente, eu ficaria muito envergonhado se fosse um médium diferente dos outros, sem provações e sem erros a marcarem o meu caminho de espírito em resgate. Vamos seguindo para adiante e que Jesus nos abençoe e nos fortaleça.

Caro Professor, quando recebi a sua estimada carta anterior sobre os nossos volumes, em parceria, o nosso amigo Caio com outros companheiros do G. E. Emmanuel, já havia estado aqui oito dias antes.

Ele, nosso prezado Caio, me trouxe a notícia de que o prezado amigo dera a idéia e plano para que os livros com as crônicas domingueiras no *Diário de São Paulo* fossem lançados doravante apenas com as notas escritas por mim acompanhadas pelas mensagens de nossos Benfeitores Espirituais, sem as suas interpretações, o que compreendi, de imediato. Não pude, desse modo, pelo inesperado com que a notícia me vinha ao conhecimento, senão concordar com a medida, mas pedi ao Caio me fornecesse todo o material em estudo para o novo volume a sair, para que eu possa retirar dez dos lançamentos do Diário mais expressivos e claros, em que a sua atitude, no caso da publicação d'*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, na tradução do nosso confrade Paulo Alves de Godoy, mais se evidenciasse, lançamentos esses que eu mesmo escolherei, para enviá-las às suas mãos ante a possibilidade de se publicar, sob o seu patrocínio, na Editora de que escolha, um livro em que estejamos juntos, marcando a questão havida para o agora e para o futuro. Caio e os presentes concordaram

com a minha idéia e estou esperando o material aludido para retirar os dez lançamentos em que estejamos reunidos, a mensagem, os seus apontamentos e as notas deste seu servidor, a fim de submeter o assunto ao seu exame e consideração. No caso, eu escolheria as dez crônicas-tríplices para o livro e o caro Professor escolherá os trechos de nossa correspondência sobre o assunto, ao mesmo tempo em que o apresentará no passível volume. Que acha?

Com isso, marcaríamos ambos o episódio havido, no qual o caro Professor mostrará a sua defesa justa, ante a Codificação kardequiana, e de minha parte, demonstrarei, muito embora polidamente, o meu respeito à elas. Estou aguardando o citado material para fazer-lhe a remessa. Se o prezado amigo concordar com a idéia, organizaremos o volume na primeira oportunidade. Sinto bastante estarem as suas notas desmembradas dos lançamentos, em volumes próximos, mas não consegui sair do compromisso de continuar assinando os direitos autorais para o GEEM, logo ao receber a visita do Caio, com a anotação de que a idéia vinha do caro amigo. Entretanto, peço-lhe conservar os seus apontamentos publicados no Diário, os que não constarão dos livros próximos, pois pretendo enviar-lhe (.....) e duas mensagens não lançadas no Diário, em breve tempo, para que o prezado amigo estude a possibilidade de apresentá-las. No caso, o prezado professor estudará a possibilidade de encaixar os seus apontamentos já publicados nas mensagens que enviarei em volume, a benefício das abras assistenciais de que me fala. Escreverei mais, oportunamente.

UBERABA, 07/09/1975

Caro amigo Professor Herculano

Deus nos abençoe

Em anexo, envio-lhe hoje as (12) doze publicações de ápice no processo de opiniões, em torno da tradução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no qual, com o auxílio dos Benfeitores Espirituais, pude reconhecer a legitimidade da sua nobre tarefa na defesa da Obra de Allan Kardec. Por muito sincera fosse a minha idéia de substituir algumas palavras no texto da tradução em Português para não alterar as disposições mentais dos ouvintes novos das lições kardequianas em reuniões publicas, a verdade é que a sua veemência necessária na defesa da Obra de Allan Kardec me fez pensar muito no cuidado que todos nós, os espíritas devemos ter na preservação dos textos referidos, sob pena de criarmos dificuldades irreparáveis para nós mesmos, agora e no futuro. Meditando nisso sou eu quem me sinto honrado em enviar-lhe as referidas publicações, no intuito de demonstrarmos num livro-documentário a elevação da sua defesa e o meu respeito, no tocante à Codificação kardequiana, que nos cabe endereçar ao futuro tão autêntica quanto nos seja possível.

No caso de se levar adiante o lançamento de um livro nessas diretrizes, sob a nossa dupla responsabilidade, o prezado Professor poderá usar ou apresentar no contexto do volume qualquer trecho ou a total correspondência que lhe tenho enviado sobre o assunto, pois isso poderá clarear a atitude que tomei, reconhecendo o meu erro e acatando o seu elevado ponto de vista, na aceitação espontânea de suas nobres razões em favor de nós todos.

A organização e título do livro, apresentação e comentários outros ficarão na pauta das expressões e maneiras que o estimado amigo julgar sejam as mais convenientes.

UBERABA, 10/02/1976

Caro Professor Herculano

Deus nos abençoe

Parece incrível, mas graças a Deus o serviço para nós é tanto que os nossos assuntos, fora de nossas tarefas habituais, vão ficando adiados, sem que o desejamos.

Mas assim é que deve estar certo e, por isso, sei que o prezado amigo, sempre com muito mais encargos e lutas de trabalho do que as nossas pequenas tarefas, me perdoará o atraso em nossos temas do dia-a-dia.

Caro Professor, quanto ao nosso livro, em que compareceremos expondo as nossas atitudes perante Jesus e Kardec, envio-lhe a importância de Um mil cruzeiros que reúne parcelas de vários amigos de Belo Horizonte e Pedro Leopoldo, cuja lista de nomes tenho em mãos e aos quais falei sobre o volume. Esses amigos desejam adquirir o livro, logo que a publicação apareça e, desse modo, mesmo que isso tenha alguma demora, peço-lhes guardar a importância para que os exemplares correspondentes à quantia reunida sejam enviados em meu nome, pois daqui farei a remessa ou farei a entrega pessoalmente em Pedro Leopoldo e Belo Horizonte. Desde já, muito agradeço pela atenção que nos dispensará como sempre.

Sobre o possível rendimento do livro, se isso surgir, peço ao caro amigo canalizar para a instituição que julgue a mais indicável, porque, em nosso grupo aqui temos, sim, um bom núcleo de trabalho assistencial, mas confesso ao caro amigo que não convém aumentar aqui essas tarefas, porque se a assistência crescer muito, em nosso círculo, receio que isso prejudique o trabalho da mensagem psicográfica.

O seu coração amigo me compreenderá. Continuaremos com os nossos assuntos em outras cartas. Abraços Chico.

Psicologia da Liderança Espírita **J. Herculano Pires)**

Psicologia da liderança espírita

A liderança espírita é ainda um campo de ensaio. A maioria das chamadas líderes espíritas não têm conhecimento suficiente da Doutrina. São, em geral, médiuns que se impuseram por suas faculdades ao respeito e à admiração de um grupo de adeptos. As condições necessárias à liderança nas atividades comuns acrescentam aos fatores mediúnicos: vidência, intuição, capacidade de doutrinação espírita e abnegação ao próximo, seguindo o lema doutrinário “fora da caridade não há salvação”. A esses acréscimos positivos juntam-se elementos negativos de suas condições individuais: auto-suficiência, vaidade, autoritarismo, misticismo de tipo igrejeiro, pretensões culturais sem conteúdo, humildade aparente, hipocrisia farisaica que se excede em demonstrações de pureza e amabilidade festiva. Contrabalançadas pelas qualidades positivas já referidas, essas antiquidades puramente sociais completam o equipamento do paternalismo que comove os adeptos desprevenidos.

A liderança espírita é um papel que o líder desempenha no meio doutrinário, apoiado no status social comum. Esse problema do status é curioso, mas compreensível. Não sendo o Espiritismo uma religião organizada em forma igrejeira, mas uma doutrina livre que abrange todos os ramos do Conhecimento e tem a sua parte religiosa como consequência da científica e da filosófica, não há no Espiritismo cargos nem funções que possam definir um status específico, como o de sacerdote. O líder espírita é lavrador,

operário, banqueiro, médico, empresário e assim por diante. Há uma relação natural entre o status social do líder e seu papel doutrinário, mesmo porque o movimento espírita é difuso, não forma uma ilha social, difunde-se por todo o organismo da sociedade. A importância do status social influi naturalmente na importância do papel doutrinário.

Esta breve caracterização da liderança-espírita já nos fornece indicações suficientes para um esboço da Psicologia da Liderança Espírita, que se mostra bastante complexa. Não pretendemos aprofundar o problema, mas apenas colocá-lo em função do assunto deste livro. O Espiritismo, como fato social e cultural, é um fenômeno ainda recente no panorama sociológico e exige tempo a fim de se definir em suas coordenadas evolutivas, em sua estática e sua dinâmica social e particularmente em seus vetores, ou seja, em seus elementos condutores de energias e determinadores de situações específicas. A própria especificidade das situações não é fácil de se definir e caracterizar, pois a condição de espírita não implica distinções raciais ou sociais e nem mesmo uma posição sectária explícita.

A universalidade potencial do Cristianismo encontra-se em fase de atualização no Espiritismo, mas essa passagem da potência a ato depende de um lento e profundo processo de aculturação que, na verdade, consiste na elaboração de uma nova cultura. Tudo parece feito e, no entanto, tudo está por fazer. Um mundo novo não surge do nada, como na alegoria do *fiat*, mas das raízes e da seiva de um mundo que o antecedeu. O velho e o novo se misturam gerando uma situação ambígua em que os indivíduos e os grupos espíritas mostram-se profundamente diferenciados entre si. Não existe a homogeneidade necessária às classificações habituais. A massa espírita não se destaca do quadro geral da população e esta a encara numa perspectiva plurivalente: os

espíritas lhe parecem ao mesmo tempo benéficos e maléficos, ingênuos e espertos, cultos e ignorantes, bondosos e perigosos, a serviço de Deus ou do Diabo, criaturas de fé e de má-fé, racionais e fanáticos, e assim por diante. É a mesma situação dos cristãos primitivos no mundo antigo, embora pareça, atualmente, uma situação inteiramente nova.

Nessa heterogeneidade sociocultural a liderança espírita exige extrema versatilidade, o que por sua vez, aumenta as suas dificuldades, por gerar desconfianças. Combatidos, caluniados, perseguidos e ridicularizados pelo clero das religiões tradicionais, pelas diversas ordens espiritualistas, pelas instituições científicas (particularmente pelas instituições médicas) pela imprensa, o rádio e a TV, explorados em sua generosidade por espertalhões de todos os tipos, os espíritas desenvolveram naturalmente o seu instinto de defesa e preservam-se na desconfiança. Não obstante, a sua obstinação na boa-fé – decorrente dos princípios doutrinários de fraternidade, tolerância e amor ao próximo – os tornam vítimas freqüentes de engodos e mistificações. Essa ingenuidade espírita é o que ameniza, não raro demasiadamente, as dificuldades da liderança espírita. O receio de fazer mau juízo do próximo, de criticá-lo injustamente, faltando com a tolerância e a caridade, leva indivíduos e instituições a situações difíceis e embaraçosas.

Tipos de liderança

Há três tipos básicos de liderança espírita, decorrentes das necessidades naturais do movimento doutrinário. Podemos considerá-los nas seguintes categorias, segundo suas posições sociais, grau de cultura e funções que exercem nas instituições doutrinárias:

1) Líderes Doutrinários Fundadores – presidentes e diretores de instituições. Constituem uma categoria de liderança austera, de tipo paternalista, semelhante à dos anciãos judeus e à dos apóstolos e dirigentes de comunidades na Era Apostólica. São homens e mulheres respeitáveis, dedicados à doutrina, dotados de mediunidade ou de grande experiência na prática mediúnica, na direção do culto e na orientação administrativa. Tornam-se conselheiros naturais da comunidade e exemplos de moralidade. Sabem expor com facilidade os princípios doutrinários, orientar os neófitos, refutar as críticas e agressões dos adversários. Caracteriza-os o respeito pela Doutrina, com repulsa às inovações de práticas doutrinárias e à mistura de elementos estranhos, provenientes de outras correntes espiritualistas..

Até o final da década de 20 a figura patriarcal desses líderes natos era comum em todo o Brasil. Cercados de respeito, admiração e até mesmo de veneração, fisicamente caracterizados por suas barbas longas e brancas, bigodes espessos, ou por cavanhaques brancos e pontudos, bigodes penteados, eles representavam o patriarcado espírita e os sólidos baluartes da doutrina inviolável. Estudavam as obras de Kardec e Léon Denis, de Ernesto Bozzano e Gabriel Delanne. Firmavam-se nas pesquisas científicas de William Crookes, Alexandre Aksakof, Charles Richet e

outros luminares da época e rejeitavam sistematicamente a mistificação de Roustaing, que apenas o grupo da Federação Espírita Brasileira, no Rio, sustentava e divulgava, como ainda hoje o faz, com apoio de alguns grupos do Norte e Nordeste e uma minoria do extremo-sul. O bom senso os guiava na interpretação prática dos ensinamentos de Kardec, o Codificador.

As transformações políticas dos Anos 30, com a queda da I República e quebra do Café, o período Getulista e suas reformas, depois a I Guerra Mundial e o desenvolvimento forçado da industrialização, o panorama nacional modificou-se profundamente e o panorama espírita foi afetado. A geração dos patriarcas desapareceu rapidamente. O Mundo entrava na fase acelerada de transição que os Espíritos haviam anunciado a Kardec (como se vê em *Obras Póstumas*) e os horrores da II Guerra Mundial faziam brotar as gerações do desespero. Lembro-me da figura patriarcal de João Leão Pita (o Velho Pita, companheiro de Cairbar Schutel) em seus últimos dias de vida terrena, no Hospital da Beneficência Portuguesa, em São Paulo. Suas longas barbas brancas e seus olhos azuis lembravam o velho Batuira, já então no Além. Pita, intransigente e lúcido, corajoso e temido, encerrava a Era Patriarcal do Espiritismo Brasileiro. As novas gerações assumiam a liderança de um movimento órfão, aturdidas e inseguras. Deviam, segundo a lei das sucessões, reelaborar as experiências das gerações anteriores, mas não dispunham das condições necessárias. Novos líderes surgiram ansiosos por impor-se no panorama espírita, excitados por novidades e desprovidos de bases sólidas no tocante ao conhecimento doutrinário. Teorias antigas, como folhas secas sopradas pelos ventos do mundo desvairado, vinham das catacumbas de múmias do Egito, das vastidões da Índia e da Mesopotâmia, renovar a mentalidade espírita mal formada e pior informada. As instituições doutrinárias, mal dirigidas por líderes

vaidosos e convencidos de sua sabedoria eclética, assistidos por sub-líderes subservientes, não dispunham mais, em suas raízes secas, da seiva necessária para uma reação defensiva. Caminhamos assim, de deturpação em deturpação, através de disparatadas acusações de erros de Kardec, para os mistifórios mais absurdos. A tentativa de criação de um Espiritismo corpuscular para substituir toda a obra kardeciana fracassou por falta de lógica. Os manuais, cursos e até mesmo um tratado de mediunidade em que os minerais, os vegetais e os animais figuravam como médiuns, resultaram numa seita de fanatismo. A tentativa delirante de dividir em duas partes a obra de Kardec e converter o Mestre em figura de lenda simplória afogou-se no seu próprio ridículo.

Mas a vaidade e a ignorância de mãos dadas tinham ainda um último golpe a tentar. Os novos líderes espíritas, embriagados pelo prestígio popular, conseguiriam traçar um plano geral de aviltamento da Doutrina e efetivar o primeiro passo: a adulteração da obra mais popular de Kardec, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Essa profanação de gentio, como a classificou o poeta Rudmar Augusto, provocou a indignação das pessoas de bom-senso e dos adeptos fiéis da Doutrina, selada historicamente pela condenação maciça do Congresso Estadual da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Apesar dessa vitória da dignidade doutrinária, trinta mil volumes adulterados já haviam sido trocados pelas moedas de Judas e infestado o movimento espírita brasileiro.

A insensibilidade dos novos líderes não lhes permitiu renunciar aos seus postos de liderança rejeitada. Continuaram em seus lugares e tentaram ainda mais um golpe: a destruição da USE pela sua absorção nos quadros profanados da Federação. Perderam mais essa cartada mas não se deram por achados. O excesso de tolerância e a inconsciência da maioria responsável pela insti-

tuição, a incompreensão da gravidade do caso de adulteração oficial dos textos doutrinários permitiram passivamente a continuidade das lideranças falidas. Tudo isso nos mostra a distância que se estendeu, o vácuo aberto entre duas épocas: a dos líderes natos e respeitáveis do passado e a dos líderes levianos e inconseqüentes do presente. Nesta fase de aviltamento da espécie humana em todo o mundo, não houve condições para o restabelecimento da austeridade espírita em termos de respeito pela Doutrina e moralização dos quadros doutrinários. Onde os líderes não revelam capacidade de liderança a massa perde o rumo e a convicção doutrinária é substituída pelo aviltamento das consciências. Foi assim que o Cristianismo entrou no eclipse medieval e restabeleceu a mitologia e a idolatria que o Cristo condenara em termos candentes, com expressões vigorosas que os adulteradores modernos procuraram substituir por frases ambíguas e ridículas nos textos evangélicos e na obra de Kardec.

Assim traçado esse panorama sombrio, com as cores quentes da realidade ainda palpitante – demonstrado em fatos clamorosos e inegáveis as conseqüências da falta de convicção e austeridade no trato dos problemas doutrinários, podemos voltar à análise do problema das lideranças.

2) Líderes Mediúnicos – A liderança mediúnica exerce-se em três áreas distintas: na popular, indo geralmente além dos limites espíritas, com repercussão sobre a população em geral; na institucional, influenciando na atividade e na orientação das instituições; na de divulgação, através de mensagens psicográficas distribuídas à imprensa e aos centros e grupos doutrinários, oferecendo-lhes novos recursos para o esclarecimento de problemas de comportamento individual e coletivo, bem como através de livros mediúnicos que enriquecem a bibliografia espírita e incentivam os estudos doutrinários e marcam a presença ativa dos Espíritos

no campo cultural-evangélico. Os médiuns que se destacam nessa liderança influem sobre os outros médiuns e dão-lhes orientação e incentivo à produtividade.

Esses líderes mediúnicos exercem ainda uma função de grande importância na orientação moral do povo, alargando a influência e a expansão do Espiritismo, influenciando na aceitação da mediunidade como fato natural. Funcionam como os oráculos da Antiguidade, procurados por consulentes espíritas e não espíritas, consolando criaturas desalentadas por casos dolorosos ocorridos na família, justificando o título de Consolador conferido à Doutrina pela tradição evangélica. O Espiritismo se apresenta, através, deles, como o cumprimento da Promessa do Consolador, feita por Jesus. A liderança mediúnica tem assim um papel fundamental no meio espírita. É dela que brota a orientação espiritual do movimento espírita, é nela que as outras lideranças se apóiam para o desenvolvimento de suas atividades. Por isso, a responsabilidade dos médiuns, que sempre se colocam, queiram ou não, na posição de líderes, é a de um termômetro que deve marcar a temperatura do movimento doutrinário e regulá-la na revelação dos dados necessários. É no exame atento desses dados, ensinamentos, orientações, advertências, estímulo – que os demais líderes podem acompanhar as curvas de ascensão e declínio da temperatura. Cabe particularmente aos líderes doutrinários e aos líderes intelectuais vigiar o funcionamento desse termômetro coletivo e corrigir os seus desvios e os seus momentos de inibição, segundo o método kardeciano de aplicação do bom-senso e da razão esclarecida na rigorosa análise da produção mediúnica, sem se deixarem influenciar pelo antigo e perigoso prestígio do sobrenatural.

Os médiuns são instrumentos humanos, sujeitos a todos os condicionamentos da espécie, podendo incidir em sintonias per-

turbadoras ou cair em apatia diante de situações conflitivas e difíceis do processo espírita. O guia seguro da liderança mediúnica é *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec. É na leitura e estudo constante desse livro que os médiuns encontram o esclarecimento dos seus mais complexos problemas. Todos os demais livros sobre mediunidade, alguns alarmantemente afastados da realidade espírita, devem ser rigorosamente conferidos com *O Livro dos Médiuns*, de Kardec. Sem esse critério todos os líderes e seus auxiliares correm o risco de enganos fatais.

3) Líderes Intelectuais – Os líderes intelectuais do movimento espírita são os intelectuais-espíritas que se dedicam à doutrina, que a estudam com afinco e perseverança, mantendo-se em atividade constante no plano doutrinário. Um intelectual pode ser espírita sem que seja precisamente um intelectual-espírita ou um líder intelectual. A expressão intelectual-espírita corresponde a uma categoria doutrinária bem definida. É um intelectual que se dedica ao Espiritismo, que assimilou a doutrina e integrou-se na mundividência espírita. Vivendo a doutrina no plano da inteligência e da cultura ele se torna naturalmente um líder intelectual espírita. Sem essa vivência e essa dedicação ao estudo e à pesquisa doutrinária ele será simplesmente um espírita dotado de intelectualidade, mas sem as condições necessárias à liderança intelectual espírita. É o mesmo que acontece com os cientistas ou os pesquisadores universitários que são espíritas mas não se integram no campo doutrinário. O cientista espírita é aquele que se dedica à Ciência Espírita e contribui para o seu desenvolvimento com trabalhos e obras válidas, reconhecidas como tal pelo consenso geral e pelo consenso espírita.

Os líderes espíritas intelectuais pertencem a todas as categorias do mundo intelectual: cientistas, filósofos, ensaístas, especialistas em comunicação, professores, médicos e assim por diante.

Mas a legitimidade da sua condição de líder depende da sua atividade permanente no campo espírita, reconhecida pelas lideranças espíritas. Esse reconhecimento não depende de formalidades de nenhuma espécie. É o reconhecimento espontâneo do meio intelectual espírita. Esse meio intelectual se define como a conjugação de pessoas habilitadas e experientes do meio intelectual comum para o trabalho intelectual espírita. Não podemos incluir nesse meio pessoas sem habilitação intelectual, por mais dedicadas que sejam à causa doutrinária. Só podemos obter um consenso intelectual espírita de um agrupamento de intelectuais. Como podem opinar, por exemplo, sobre questões de Ciência e Filosofia, de Religião e História ou Psicologia das Religiões, pessoas que não tenham conhecimento e experiência dessas matérias? É o mesmo que se pedir a um pedreiro que opine sobre questões de Botânica. A falta de compreensão desse problema tem provocado lamentáveis equívocos e situações desastrosas, como no caso da adulteração. Não se trata de preferência ou exclusivismo, mas do velho adágio: cada macaco no seu galho. Sem esse critério metodológico os macacos acabam invadindo as lojas de louças.

Psicologia dos líderes

Podemos agora encarar o problema da Psicologia da Liderança Espírita, tomando como objeto os tipos de líderes de que tratamos. A tipologia da liderança espírita é elemento básico para a apreciação psicológica que devemos fazer. Não se trata de um estudo aprofundado da questão, mas de uma apreciação resultante da observação das diversas tipologias de conjunto das formas de liderança espírita. Necessitamos de trabalho mais metódico e profundo sobre este grave problema, mas é evidente que temos de iniciar a sua abordagem reunindo dados da observação e da experiência para desenvolvimento de pesquisas indispensáveis à boa orientação do movimento espírita, hoje entregue a si mesmo como um barco à deriva. O exemplo metodológico de Kardec foi posto de lado pela nossa incúria e os resultados desse descaso já nos levaram à confusão e ao ridículo. Tratemos de aproveitar essa amarga experiência antes de cairmos em novas situações humilhantes. Vejamos o que se pode fazer com os poucos dados que possuímos.

1ª Categoria: Líderes Doutrinários – A psicologia dos líderes doutrinários natos, fundadores e dirigentes das primeiras instituições espíritas no Brasil, define-se a partir da formação religiosa do nosso povo. Aqueles varões barbados e austeros dos primeiros tempos saíram das barbas bíblicas de Moisés, passaram pelas barbaças amedrontadoras do Padre Eterno católico-romano e revoltaram-se contra a mitologia católica nas barbas ardentes de Guerra Junqueiro. Sua psicologia, individual e coletiva, enraizava-se na crença e no medo. Esses dois fatores determinavam a sua austeridade. Crentes na existência de Deus e criados no temor

a Deus, encontraram no Espiritismo a porta de escape de que necessitavam para livrar-se da mordida dogmática e entrar no uso da razão, sem caírem no abuso das concepções positivistas e materialistas do século passado. Nasceram de novo e reconheceram em Kardec o Messias que os arrancara do túmulo. A crença em Deus tornou-se conhecimento racional de Deus e o medo do pecado em respeito pelas leis de Deus. Essas leis não estavam nas Tábuas da Lei de Moisés, mas na própria estrutura da Natureza, englobando a natureza humana. O Decálogo não precisava da autoridade de Moisés, fundava-se na autoridade direta de Deus, o Criador, transferindo para o plano humano a ordem geral da Natureza. As leis de Deus eram as leis naturais, como ensinava Kardec, e os mandamentos do Sinai podiam ser lidos na consciência de cada criatura humana.

Esse fundamento panteísta explicava os mistérios da imanência, onipresença e onipotência de Deus, sem cair no panteísmo extremado que confunde Deus com a Natureza, o Criador com a Criação. Essa concepção transformara-se logo, à luz da evidência racional, em sólida convicção. Este é o segredo da firmeza e coragem com que enfrentaram o mundo hostil dominado pelo clero intolerante, pelos intelectuais ateus, pelo povo fanático, pelos tradicionalistas agressivos e pela fascinação mágica das formas de sincretismo-religioso afro-brasileiro em desenvolvimento. Os pronunciamentos acadêmicos, particularmente de médicos empenhados em mostrar que o Espiritismo era uma fábrica de loucos, não os abalava. Eles se sentiam firmes em sua convicção e sabiam que os pseudo-sábios que tentavam abalá-la não conheciam a Doutrina Espírita; falavam do que não sabiam.

Os resultados da prática mediúnica eram palpáveis e visíveis, como sempre o foram. Fortalecidos pela razão kardeciana e pela realidade dos fatos, esses líderes eram inabaláveis. Daí o seu

profundo respeito à Doutrina, cuja lógica não podia ser contestada e cuja fenomenologia era confirmada pelas pesquisas de cientistas europeus que eram expoentes do saber da época. O sentimento religioso que os embalara na infância e na adolescência não fora chocado nem ferido por Kardec, que se limitara a explicá-lo como lei natural da espécie humana. A moral evangélica, fundamento ético da estrutura social, tornava-se mais vigorosa à luz da doutrina e despia-se da roupagem negra das superstições. A dignidade humana se engrandecia com as provas da imortalidade. Ninguém era alijado da presença de Deus nem deslocado da ordem social e moral em desenvolvimento. Todos os conteúdos do psiquismo individual eram esclarecidos pela Escala Espírita, esse esquema da evolução espiritual, que tanto se aplicava aos espíritos desencarnados quanto aos encarnados, esclarecendo situações e comportamentos antes considerados na pauta misteriosa das influências diabólicas. O Diabo era colocado no panteão mitológico e Kardec mostrava que o Inferno mitológico era mais racional e humano que o Inferno católico.

O sentimento de segurança, o amor de Deus substituindo o temor, a oração suprimindo indulgências, confissões e sacramentos, reduzia o formalismo religioso em loja de bijuterias. O racionalismo do século enriquecia-se com os elementos vitais da fé raciocinada e a fé crescia e frutificava à luz da razão. É o que podemos ver na bibliografia espírita da época, especialmente nas obras de Bezerra de Menezes, o médico e católico eminente que se tornara espírita. A mistificação roustanguista, tipicamente católica e carregada de resíduos bíblicos, foi apenas tolerada por Bezerra, empenhado em evitar cisões no movimento espírita nascente. Ele proclamava em suas crônicas espíritas do jornal *O Paiz*: “Kardec é insuperável”; evitava entrar em discussões inúteis com os fanáticos roustanguistas.

Algumas referências de Bezerra à obra de Roustaing são dos seus primeiros tempos de conversão. Formado no Catolicismo, com uma vivência longa de católico devoto, Bezerra não estava ainda bem integrado na posição espírita quando lhe chegou às mãos a obra mistificadora. Vendo que Roustaing pretendia restabelecer no Espiritismo a divindade de Cristo, a sua natureza sobrenatural, e influenciado pelos roustainguistas, encarou a obra com simpatia. Mas depois firmou-se em Kardec definitivamente. A natureza aberta da Doutrina Espírita e o espírito liberal de Bezerra o levou a não atçar os ânimos. Além disso, não queria fracassar em seu intento de manter a união dos espíritas, ainda tão poucos no tempo. Mas o seu apego a Kardec foi tão fiel que o chamaram de Kardec Brasileiro. Temos nesse episódio uma prova da psicologia da liderança de Bezerra, que, sem atritos, conseguiu o seu intento, mantendo e proclamando sua fidelidade irreduzível a Kardec.

Podemos resumir assim a psicologia da liderança espírita da geração dos barbaças: convicção plena da verdade doutrinária, coragem inabalável na sustentação e defesa da doutrina, concessões internas para evitar cisões numa fase crítica, proclamação pública da grandeza e insuperabilidade de Kardec, confiança na razão, na sua vitória perante as criaturas de bom-senso, respeito às convicções alheias, sem ceder nas convicções próprias, austeridade e nobreza na sustentação e defesa dos princípios doutrinários, respeito absoluto aos textos originais de Kardec. Esse respeito e a convicção dos barbaças é o que falta, infelizmente, a grande número dos líderes atuais, que não vacilam em lançar à venda livros deturpados e ridicularizantes para a doutrina, prejudicando-a moral e intelectualmente, para não se perder o dinheiro empatado na profanação. Os interesses materiais se sobrepõe aos interesses espirituais.

A Psicologia de liderança dos líderes doutrinários atuais é quase uma inversão da que esquematizamos acima. Sob a influência das grandes transformações do mundo a que já aludimos, os líderes atuais não encontram na doutrina a segurança dos antigos. Fundadores e dirigentes de instituições estão livres das pressões que os antigos tinham de combater. O Espiritismo está hoje amparado pelo referendo das Ciências e impõe-se ao mundo cultural como representação de uma realidade incontestável. Em lugar do sentimento de segurança dos barbaças, os líderes barbeados de hoje sentem a insegurança do mundo que desaba ao seu redor e procuram meios de adaptar-se às novas condições. A falta quase absoluta de uma compreensão real da doutrina (por falta de estudos aprofundados da sua natureza e sua posição epistemológica) não lhes permite perceber que o Espiritismo não está ruindo com o velho mundo, mas alicerçando espiritualmente o novo mundo que vai nascer. Ao invés de se firmarem na convicção doutrinária, amedrontam-se com o tumulto das novidades que surgem de todos os lados e acham que a doutrina estagnou-se num mundo em mudança. Buscam adaptar a doutrina às novas condições, para salvá-la, e nesse engano grotesco a ameaçam de deturpações e retrocessos.

Estão em pânico os líderes doutrinários atuais, na sua maioria, por incúria e ignorância, por falta absoluta de visão-espírita. O exemplo da adulteração pode ilustrar essa situação. O grupo da Federação Espírita do Estado de São Paulo entendeu (e o declarou na própria edição adulterada de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*) que as igrejas cristãs estão passando os velhos textos da Bíblia para a linguagem atual, e isso com grande sucesso. O Espiritismo ficaria atrasado e era necessário acertar o seu passo com essas inovações profanadoras. Não perceberam que a posição das igrejas é retrógrada, enquanto a do Espiritismo é atualís-

sima e até mesmo futuróloga. Desesperaram-se ao não encontrar o que mudar nos textos de Kardec e puseram-se a deturpá-los, certos de que salvavam a doutrina, e quando chamados à atenção explicaram ingenuamente que faziam experiências de novas formas de comunicação! Escudaram-se em expressões ambíguas usadas em mensagens mediúnicas, considerando-as arbitrariamente como linguagem atual. Na verdade, tratava-se de expressões que não tinham e não têm nenhum curso na atualidade da língua, reduzindo-se a uma aplicação restrita e infelizmente errônea. Pensaram que o barco afundava e, na aflição de salvá-lo, o viraram de borco. Episódio típico dos momentos de pânico. Demonstração inegável de falta de conhecimento doutrinário e assustadora falta de convicção espírita. Aturdidos ante a confusão, quiseram furtar-se à responsabilidade e a lançaram na conta de um líder mediúnico, o de maior prestígio, Chico Xavier. Mas o médium, que também se aturdiu com a trapalhada, acabou declarando que nada tinha a ver com a adulteração, sustentando, pelo contrário, a necessidade de preservação da pureza original dos textos. O fato é significativo e exige meditação de todos os que se interessam pela preservação da doutrina.

Mas outra prova de insegurança e medo surgiu logo mais, com a exigência de destruição da edição adulterada, que comprometia a doutrina. Ante a ameaça de vultoso prejuízo em dinheiro, os líderes em pânico alegaram a necessidade de venda da edição para que as obras da nova sede da Federação não fossem interrompidas. Entrava, assim, um novo fator na questão. A nova sede ia salvar o Espiritismo de uma derrocada material, de ordem patrimonial, garantindo a sua presença monumental nos novos tempos. Os líderes confundiam a instituição espírita com as catedrais ameaçadas pelas transformações da atualidade. Não compreendiam que as edificações, por mais importantes que sejam,

nada representam na projeção futura da doutrina. O que importava preservar era a doutrina e não as obras materiais e muito menos o dinheiro desastrosamente empatado na profanação das obras doutrinárias. Cegueira espiritual absoluta, domínio das trevas no plano espiritual. Os líderes preferiram o prejuízo moral, a profanação da doutrina, a ridicularização das obras modelares de Kardec, ao esvaziamento corajoso dos cofres. Por outro lado, revelando a extensão assustadora da crise espiritual, a maioria absoluta dos líderes, no Brasil inteiro, preferiram o silêncio acumpliciador ao protesto dignificante. Valia mais as acomodações de lideranças diversas, num conluio tácito estarrecedor, como se todos dissessem consigo mesmos: “Que se vão os princípios mas fiquem os cruzeiros!” E ficaram realmente, ficaram os cruzeiros nos cofres, tilintando como as moedas de Judas. Enquanto isso, trinta mil volumes adulterados eram semeados no seio do povo, lançando as raízes nefastas de futuras confusões doutrinárias.

Tudo isso revela a incapacidade dos líderes atuais, cujo psiquismo abalado pela insegurança, o temor e a ignorância, sobretudo a falta de convicção doutrinária, constitui a perigosa psicologia da liderança no movimento espírita desta hora de transição. As reuniões do grupo adulterador foram privativas sem a participação de elementos experimentados conhecedores da doutrina. Guardavam um segredo medroso. Obstinavam-se em fazer tudo sozinhos, entre quatro paredes. Praticava-se o crime perfeito contra a doutrina, não haveria testemunhas. O meio espírita teria de receber o choque de um fato consumado. Os diretores da instituição estiveram ausentes, segundo declararam quando o escândalo explodiu. A venda de grande parte da edição foi feita às pressas e sem falar-se em modificações dos textos. O tradutor escolhido não tinha conhecimento das regras de tradução e na

verdade não traduziu, decalcou traduções facilmente identificáveis. Quando os volumes foram postos à venda livre e os protestos surgiram, fizeram tudo para abafá-los e clamaram em manifesto que o assunto não devia ser tratado em público. A liberdade espírita era sacrificada nas exigências de medidas confessionais. A doutrina não pertencia ao mundo, mas a um grupo, inexperiente e desprovido de condições para a execução de uma simples tradução.

Todos esses aspectos do caso revelam a tônica dominante do medo. Podemos reduzir a esse sentimento toda a psicologia da liderança espírita nesta hora de medo mundial. Mas porque esse medo no Espiritismo, doutrina sem segredos nem mistérios, aberta aos ventos da renovação que ela mesma prega, doutrina que é o roteiro das transformações e constitui a plataforma do mundo futuro? A resposta já foi dada, mas é bom insistir: porque falta aos líderes atuais o principal elemento da psicologia da liderança, que é o conhecimento doutrinário e conseqüentemente a convicção espírita. E ao perguntarmos pelo porquê dessa falta absurda a resposta será: falta de estudo, de interesse e de amor pela doutrina. A leviandade deste final de século infiltrou-se no meio espírita e a febre de inovações insensatas invadiu as instituições. A virulência dessa infestação demonstrou que o vírus da irresponsabilidade só pode ser combatido com uma renovação imediata e total das lideranças. Não há o que fazer com a psicologia do medo e da ignorância, senão alijá-la.

2ª Categoria: Líderes Mediúnicos – A Psicologia da Liderança Mediúnica é a própria Psicologia do Médium. Porque o médium é um líder nato, quer no seu grupo, quer na relação com o público em geral. Sua condição de intermediário o obriga a isso. Mas neste vasto país mediúnico só temos um médium capaz de liderança nacional, que é Chico Xavier. Só ele revelou até hoje

condições para essa função esmagadora. Por isso está chegando à exaustão. E por isso o tentaram envolver, como escudo de extremo recurso, no caso da adulteração. Meio século de mediunidade sem descanso, enfrentando entrechoques doutrinários contínuos, ataques e críticas de opositores de toda a espécie, são mais que suficientes para destruir um gigante. Mas Chico Xavier resistiu até agora, graças a uma convicção inabalável e uma paciência muito superior a de Jó. É nele, na sua frágil figura humana e na indomável fortaleza espiritual, que encontramos o modelo da liderança mediúnica. Revelando mais uma vez o poder da humildade, como no caso do infinitesimal na corrida atômica, o Invisível desafia, nele, todo o aparente poderio visível. Chico Xavier provou que só uma força pode se opor a todas as forças do mundo e vencê-las: a força da Humildade. Repetiu a façanha de Francisco de Assis perante o poderio maciço do Vaticano. O poder do médium se chama Humildade. Quando ele a perde, perde-se a si mesmo. Se temos só um líder mediúnico para mais de cem milhões de habitantes e não sabemos quantos milhões de médiuns, é porque a maioria dos nossos médiuns se perdeu em pretensões estúpidas e dissipações inócuas de suas faculdades.

O médium só exerce a liderança de maneira efetiva e eficaz quando não quer ser líder e se recolhe à sua humildade. As forças do Céu agem na Terra ao inverso das condições terrenas. Psicologicamente o médium é a imagem do hermafrodita grego da era arcaica. É uma criatura dupla, ou seja, duas criaturas ligadas pelas costas, com dois rostos, quatro braços e quatro pernas, girando rapidamente no intermúndio em busca do Reino dos Deuses. Mas quando deixam de girar para subir e se acomodam na Terra, Zeus os corta com um golpe de espada e os reduz à condição normal da humanidade. Perdem a condição de líderes e se tornam ovelhas do rebanho comum.

A Psicologia do Médiun é paranormal. Suas percepções extravasam dos órgãos sensoriais para captar as dimensões do invisível. Se examinar-se a si mesmo jamais temerá a morte, pois convive com os mortos, que na verdade não morreram. A liderança mediúnica não é do médium, mas das entidades espirituais que dele se servem. Mas ele é dono de si mesmo e os espíritos não podem dominar as suas faculdades sem o seu consentimento. Isso o faz participar da liderança. Chico Xavier aceitou a orientação de Emmanuel, ligou-se a essa entidade e com ela passou a servir sem perguntar a quem. Não alimentou ambições terrenas e nunca pretendeu ser líder. Por essa renúncia a si mesmo tornou-se o líder mediúnico nacional. Mas Emmanuel respeitou o modo de ser do médium. Limitou a liderança de ambos ao plano moral e espiritual. Sua influência no plano doutrinário foi sempre indireta. Evitou manifestar-se diretamente sobre as graves questões doutrinárias do nosso meio. Mesmo no caso da adulteração, quando o seu pronunciamento através de Chico Xavier teria efeito decisivo, preferiu manter-se distante. Quando a situação exigiu uma intervenção esclarecedora, preferiu que Chico a fizesse na sua condição de médium. Uma questão de respeito ao livre-arbítrio dos homens, que devem aprender por si mesmos em suas experiências.

Esse fato revela a posição dos Espíritos Superiores em face das lutas humanas e, ao mesmo tempo, desmente as falsas teorias espiritualistas de que os médiuns são criaturas inteiramente passivas, dominadas pelos espíritos. Se os médiuns da Federação compreendessem isso não teriam permanecidos alheios à profanação da doutrina. Revelariam desejo de intervir e os Espíritos Superiores se serviriam deles. Ao que sabemos, houve pelo menos um médium que desejou intervir e recebeu mensagens enérgicas que foram sonegadas ao conhecimento geral. Os médiuns

estão sujeitos a essas reações do ambiente, mas não são obrigados a permanecerem num ambiente negativo. Faltou instrução aos médiuns para que não se portassem como carneiros.

Na psicologia dos médiuns influem os elementos de sua formação religiosa. Nossos médiuns têm formação igrejeira ou para-igrejeira que o ensino espírita devia superar. Mas quando os líderes doutrinários também sofrem das influências igrejeiras não têm condições para auxiliar os médiuns. A humildade mediúnica é de despreendimento das pretensões terrenas, mas não de submissão aos sistemas religiosos errôneos que o Espiritismo vem reformar. A incompreensão geral desse problema transforma nossos médiuns em criaturas místicas, cheias do antigo temor a Deus em lugar do amor a Deus.

Nossas escolas de médiuns surgiram impregnadas de resíduos místicos e mágicos, divorciadas da realidade nova que o Espiritismo nos apresenta. Se Chico Xavier tivesse cursado uma dessas escolas jamais se tornaria num líder mediúnico, não se livraria (e só o conseguiu em parte) do cheiro de incenso e da fascinação dos altares floridos. Mesmo conservando parte desses resíduos, Chico Xavier aprendeu muito na convivência direta com os Espíritos e teve a coragem de romper com os laços mais comprometedores da sua formação católica. Esses problemas precisam ser encarados por líderes doutrinários e intelectuais realmente esclarecidos, capazes de dar aos médiuns uma orientação espírita. Sem um critério mais rigoroso de programação de cursos e uma escolha mais cuidadosa de expositores capazes, cursos e escolas se tornam prejudiciais. Seria preferível a sua substituição por séries de palestras com seqüência didática e posteriores debates a respeito, coordenadas por pessoas habilitadas.

3ª Categoria: Líderes Intelectuais – A Psicologia do Intelectual pode ser definida como um conflito dialético entre as suas aspirações e a realidade. Temos assim uma realidade subjetiva, tecida de anseios e pressupostos, e uma realidade objetiva que a ela se opõe. O conflito psicológico é dialético, um verdadeiro diálogo secreto do qual deve resultar a síntese de uma posição intelectual definida e portanto depurada dos excessos subjetivos, que vão sempre além do concreto real. Esta é a situação geral dos homens na vida, mas no intelectual ela se agrava e se complica pela influência da imaginação. O intelectual espírita dispõe de maiores recursos para atingir a síntese, graças ao conhecimento doutrinário e das pesquisas científicas dos fenômenos mediúnicos. Esse conhecimento lhe proporciona uma realidade intermediária, que é a da realidade espiritual comprovada e não apenas imaginada. A doutrina lhe oferece os recursos metodológicos para estabelecer a ligação (que podemos chamar de perispirítica) entre o seu mundo interior o mundo exterior. Só agora as Ciências começam a oferecer essa vantagem aos demais intelectuais.

Essa defasagem entre a Ciência Materialista vai desaparecendo na proporção em que esta avança nos rumos daquela. Mas o intelectual espírita já tem a sua posição firmada e pode agir com segurança no terreno intermediário. Não obstante, corre o risco, se não tiver conhecimento e experiência suficientes, de tentar conciliações utópicas, levado pela imaginação. Sem o rigoroso critério de Kardec, podem tomar a Nuvem por Juno, ver discos-voadores em cintilações estelares e assim por diante. Por isso, a liderança intelectual espírita só pode ser exercida por intelectuais perfeitamente integrados nos princípios kardecianos. Não se trata de uma forma de sectarismo, pois Kardec não fundou nenhuma seita, mas de uma exigência da própria evolução do

Espiritismo, cujas leis somente Kardec definiu até hoje de maneira lógica, verificada verificável.

Vejamos um exemplo concreto, que poderá esclarecer melhor este problema. Ilustre intelectual, de formação universitária, afirmou numa palestra pública, em São Paulo, que o Espiritismo peca por exclusivismo antropológico, só admitindo a existência de espíritos humanos, sem levar em conta os gnomos, as fadas e outros seres espirituais chamados elementares em outras correntes do pensamento espiritualista. Foi advertido pelo espírita que presidia à reunião de que se enganava. De fato, o Espiritismo não trata especificamente dessas idealizações folclóricas, mas considera o processo evolutivo dos seres como um desenvolvimento seqüente e progressivo de potencialidades espirituais. Assim, os seres inferiores pertencem ao campo da filogênese ôntica, nas fases antecedentes à humanização. Desde a ameba até o homem a linha da evolução desfila uma seqüência espantosa de formas espirituais, que correspondem, na teoria espírita da evolução, à filogênese das teorias científicas, com sua imensa variedade de seres anteriores ao homem. A imaginação levava o orador para os caminhos da fantasia, por falta de conhecimento doutrinário. Outros formularam teorias mediúnicas que vão da pedra até o homem, confundindo a ação do espírito sobre a matéria com a mediunidade propriamente dita, e com isso fundaram escolas confusionistas.

Há toda uma literatura do absurdo apresentada como desenvolvimento da doutrina e superação de Kardec. O fato de um intelectual contribuir com suas luzes para a divulgação do Espiritismo e mesmo para o seu progresso é importante, mas sob a condição de primeiro adquirir o necessário conhecimento da doutrina. Pode ser muito interessante falar-se em fadas, gnomos, silfos e ondinas, desde que, com isso, não se queira remeter o

Espiritismo ao campo da mitologia e da superstição. A liderança intelectual é indispensável ao Espiritismo. Mas não podemos admitir as divagações intelectualistas na área doutrinária. A Ciência Espírita tem os seus métodos de pesquisa e avaliação de fenômenos, não de fantasia.

A cultura espírita

O processo cultural, sempre em desenvolvimento, é uma seqüência de etapas ou ciclos culturais formando um continuum. Mesmo no estudo das culturas ilhadas da mais alta Antiguidade encontramos sempre os seus liames e conotações. A Cultura Espírita não é uma exceção e se liga a todo o processo. Enganam-se os que desejam adquirir cultura espírita pura. Hoje, mais do que nunca, o Espiritismo, em todos os seus aspectos, está ligado à chamada Cultura Geral. Os métodos culturais de pesquisa, avaliação e interpretação dos fenômenos, de observação e de cogitação filosófica são fundamentalmente os mesmos num campo e no outro, com as especificações necessárias nas áreas específicas. Esse é um dos postulados de Kardec, cuja visão global da Cultura não excluía nenhum setor do Conhecimento. Para se conhecer e compreender o Espiritismo a fundo é indispensável um esforço de atualização cultural, sem o que não seria possível o estabelecimento de ligações entre fatos e conceitos aparentemente diversos. Daí a necessidade de criação e instalação da sonhada Universidade Espírita ou de várias delas, para que a instrução espírita possa atingir as suas verdadeiras dimensões.

A finalidade do Espiritismo não é criar um mundo isolado dentro do mundo, mas integrar-se no mundo para transformá-lo. Os que ontem consideravam isso como apenas um sonho de lunáticos, hoje devem compreender que o sonho está se concretizando no mundo sublunar, não na Lua. É inacreditável o descuido dos espíritas de posses nesse sentido. Todos estão dispostos a fazer gordas doações a instituições assistenciais, mas se mostram avessos a contribuir para a criação de uma Universidade Espírita.

Alguns intelectuais chegam mesmo a considerar absurdo esse projeto.

O primeiro Congresso da USE criou, graças à luta de alguns contra a oposição da própria diretoria desse movimento, o Instituto Espírita de Educação que até hoje funciona por mercê de alguns abnegados, com pouca possibilidade de desenvolver-se. Os que pensam ganhar o Céu com doações de caridade material, esquecendo a caridade cultural, terão sérias decepções ao passarem para o outro lado. A Educação Espírita, combatida por alguns retrógrados, incapazes de compreender o valor da própria cultura que os acolhe generosamente no mundo, é a mais premente necessidade do movimento espírita, para que não mais se repitam episódios dolorosos como o do planejamento de adulteração de toda a obra de Kardec por pessoas que nem sequer a compreenderam. Esta análise é um esforço no sentido de despertar o nosso meio espírita para os perigos que o ameaçam. Nada mais.

Poesia da Adulteração

O envolvimento das trevas (J. Herculano Pires)

Na batalha contra a adulteração tivemos de usar vários meios de persuasão. Um deles foi a poesia, em duas modalidades: a moderna e a clássica, para atender a diferentes gostos. Os poemas com que encerramos este memorial da adulteração foram impressos em folhetos e distribuídos a todo o Brasil. No primeiro, tentamos colocar o problema do Evangelho em face do mundo, usando a técnica de Cassiano Ricardo. O segundo poema é inspirado em Julio Dantas e Guerra Junqueiro. Nada melhor que o ritmo envolvente do autor de *A Velhice do Padre Eterno* para se obter uma visão diabólica e ao mesmo tempo humorística do envolvimento de espíritos pelas entidades trevosas. O que pretendemos nesse poema foi mostrar os vários elementos que levaram os adulteradores a tentar a ceia de uma Ave do Paraíso (no caso a Codificação) com os toques líricos de Julio Dantas em *A Ceia dos Cardeais*. Os resíduos do passado, a saudade dos velhos tempos de poderio eclesiástico, a arrogância dos doutores da lei e o atrevimento dos insaciáveis clérigos medievais (caçadores impenitentes de aves paradisíacas) aparecem bem marcados como os elementos inconscientes de que os espíritos das trevas se serviram para envolverem a turma invigilante.

Esses poemas, numa edição popular de 5 mil exemplares, foram distribuídos gratuitamente em todo o país e produziram o efeito desejado. Houve também poemas de Guerra Junqueiro, psicografados por Jorge Rizzini. Chico Xavier permaneceu em sua linha de prudência mediúnica, evitando atritos, mas definindo

claramente a sua posição, como já vimos. A posição de Chico é a de um espírito desencarnado, que deixa aos homens a solução de seus problemas. Orientado por Emmanuel, ele só recebe e divulga mensagens de ordem moral e espiritual. Mas nós, os homens, temos de dar conta das nossas responsabilidades no plano doutrinário. Devemos ressaltar, nesse plano, a posição exemplar da Liga Espírita do Estado de São Paulo, cujo presidente, Messias, fez a mais completa e minuciosa análise da adulteração, em mais de setenta laudas mimeografadas e distribuídos os volumes a várias instituições.

O Evangelho e o mundo

Evangelho é semente. O mundo, o chão,
Jesus, o semeador. O ser é a cova.
Em cada cova o adubo, o coração.
E em cada coração o sentimento.
 que é sol e chuva e vento.
 E a dor que é prova.

Evangelho é raiz que nos penetra.
nossa vida é a selva. Cresce a planta
na proporção da seiva que lhe damos.
Se a seiva é escassa, há de minguar a planta.
 Quanto mais amamos
mais fundo o Evangelho nos penetra,
mas se não amamos o Evangelho,
 como vamos amar
 segundo o Evangelho?

Somos cova no mundo. E cova funda.
Na cova há limo e pedra, bem e mal.
Se bem é bem, mal é mal. Ambos existem
porque o mundo é bom e mau ao mesmo tempo.
Como pode o Evangelho penetrar
 na cova que é do mundo
 para o mundo mudar?
Negando o bem? Negando o mal?
 Pode o peixe do mar viver sem mar?
Há ódio e amor no mundo.
Covas boas e covas más.

Que a trapaça não se faça
onde houver quem quer
melhor-ar.

Há espíritos mudos, espíritos mundos e espíritos imundos,
Espíritos mudos são menos maus
E menos bons.
Estão na prova e na expiação.
Fermento bom no mau coração.
Há bons e maus.
E maus em trans(i)são.

Espíritos mundos são só mundo
(do mundo)
errantes fátuos entre o bom e o mau.
Bom por conveniência e mau por mal.
(Quem não conhece a escala espírita?)

Espíritos imundos são antimundo
mau por mal.
Há o mundo e o imundo. Quem disse foi Jesus,
que não era treva, mas luz
e também mais luz.
(Quem contradiz Jesus tem mais luz?)
E a cruz?
Não foi boa e má ao mesmo tempo
em sentidos opostos?
Ou foi menos boa?

Quem trapaceia com Jesus e Kardec
trapaceia
faz trapaça e ceia.
Vamos à ceia,
eia!

(Nota para os farautos – Este poema é cassiânico, inspirado em Cassiano Ricardo. Poema sem versos, com linossignos. Para entender é preciso pensar).

A ceia dos cardeais

I

Kardec, ante a visão, orou a Deus
suplicando-lhe que enviasse ao mundo,
após o seu trespasse, alguns hebreus
do tempo de Jesus: Pedro, Mateus.. .

Ou se possível o valente Paulo
que rompera com tudo e até com Saulo.

Sofria, em febre, o grande fundador,
ao ver na Terra os seguidores seus,
reunidos como antigos fariseus
para um festim de trágico esplendor.

Kardec olhou o céu em busca de Jesus.
Por toda parte a treva. O céu não tinha luz

– Ó Deus clemente, ó Deus de luz e amor,
porque me abandonais na hora da agonia?
Mas ao forte clamor a noite respondia
com gritos de urubus nos abismos do horror.

A escuridão do céu, tenebroso sudário,
lembrava o instante atroz em que o último grito
de Jesus abalou a terra e, do infinito,
a treva despenhou-se envolvendo o Calvário.

Era a hora final do drama da paixão,
em que se consumava a trama da traição.

II

Eis o quadro de horror que Kardec antevia,
o coração oprimido, a mente em agonia:

Em torno a vasta mesa, em sala iluminada.
eram quarenta, ao todo, os rígidos perfis,
cada qual mais feroz, na posição de juiz,
olhar duro, cruel, e consciência togada.

Julgariam Kardec, e na ausência do réu,
por ele respondia a Codificação.
A sentença já pronta, isenta de paixão,
era impassível, fria e escura como o céu.

Mas de repente a mesa encheu-se de talheres
Passara o julgamento. O tribunal, agora
dispunha-se a cear. Era avançada a hora,
e a sala se enchia de gentis mulheres.

O tribunal virava em amplo restaurante.
Os juizes comensais sorriam satisfeitos.
Garçonetes, garçons, graçolas e trejeitos.
uma ceia de arromba, alegria esfuziante.

Mas Kardec enxergava, atrás de cada juiz,
a carranca feroz de um regente do Umbral,
esquálido, a esperar o momento fatal
em que se serviria a vítima infeliz.

Sobre a mesa, a final, foi posta a refeição:
esquartejada e frita – a Codificação.

III

A algazarra estrondou. Alegres comensais
batiam os pés no chão, os talheres nos pratos,
contando à vizinhança boquiaberta os fatos
da caçada infernal, em termos especiais.

– Uma ave bem nutrida, a Codificação,
(explicava solene, um elegante juiz)
mas já velha, cansada, ave menos feliz,
embora conservasse um porte de faisão.

Foi criada em jardins da encantadora França,
tratada por Kardec a rações de verdade,
ensinada a cantar com muita suavidade
em trinos de amor puro e notas de esperança.

Mas Kardec lhe deu (também já estava velho)
talvez por caduquice, uns grãos de falsidade
que espertalhões judeus meteram no Evangelho.

Forçoso era imolá-la a bem da santidade
do nosso bom Jesus, cujo verbo divino
jamais se maculara em palavrão mofino
e nunca tolerara expressões de maldade.

Depois, como sabeis, havia uma sentença
unânime e viril do nosso tribunal
que mandava expungir os resíduos do mal
desse corpo da mais encantadora crença.

Um só tiro bastou, em pleno coração,
para que ela tombasse inteira aos nossos pés.
No sangue que jorrou, a ira de Moisés
foi lançada num jato e coagulou no chão.

Que coágulos, meu Deus! Brilhava o sangue puro
como o sangue de Abel traído por Caim!
Seus olhos de condor lançavam sobre mim
anátema e perdão em nome do futuro.

Pousou sobre ela um torvo, horrendo escaravelho.
Crocitou na distância um corvo moribundo.
Senti-me um filisteu a estrangular o mundo.
O coração da ave era o próprio Evangelho!

Foi assim que a cacei por ordem da Justiça.
E ao disso me lembrar peguei-a pelos pés,
aliviei a consciência evocando Moisés
e rápido voltei à cotidiana liça.

Às vezes a consciência é incômodo troféu
que vira tribunal e nos converte em réu.

IV

A Codificação esquartejada e frita
exalava esse odor que ao estômago excita.

Velhos cardeais de outrora e bispos reencarnados,
trazendo inda por dentro as vestes purpuradas
mantinham cautamente as mãos entrecruzadas
à espreita do manjar, os olhos espichados.

– Este é um raro petisco, um albatroz glorioso!
(exclamava um bispinho esquelético e faminto)
Com dois copos ou três de um belo vinho tinto
dá-nos o que nos falta, o êxtase do gozo!

Um fradeco rotundo, envolto em seu burel,
que de bispo fingia, iludindo os videntes,
agitava-se inquieto e dizia entre dentes:

– Ave do Paraíso, um presente do céu!

– Passe-me o coração, esse é o melhor pedaço!
(gritava antigo frei de convento da Espanha
que perdera o burel mas não perdera a manha)
Por causa dele fui internado no Espaço!

Velho cardeal francês, agora doutorado,
reclamava a cabeça: “É uma delícia o miolo!
É nele que se pensa e nele se arma o rolo
que conduz ao garrote o padre rebelado!”

– “O miolo – continuava – essa invenção divina,
e fonte de heresia e ninho de pecados,
por isso tem sabor de leitões setinados,
de promessas de amor em boca fescenina.”

– “Que horror! – logo exclamou ex-bispo moralista –
Já de outra encarnação detesto a leviandade,
mas agora vivendo a era da verdade
permito-me provar algum sabor de artista”.

– Cuidado! – advertiu um cardeal barrigudo –
é o que sai pela boca o que nos contamina!
Esta ave morreu, embora peregrina,
por mesclar palavrões no seu trinado agudo.

– Palavrões, palavrões! – disse um bispinho irado –
É hoje o que se ouve até nos Evangelhos!
Palavrões juvenis, palavrões entre os velhos!
E há quem chame Kardec – o bom senso encarnado!

Tínhamos de expungir de Kardec esse horror!
Inimigos, odiar e até espíritos maus!
Retirar do Evangelho esses feios calhaus
é dever de cristãos, é tarefa de amor!

V

A Codificação sumia sobre a mesa.
Primeiro o Evangelho, o próprio coração
da obra de Kardec, o livro-religião
que nos religa a Deus com ternura e firmeza.

Seu texto é suave e doce, uma carne macia,
mas as fibras de luz que estruturam-lhe a forma
são duras como o aço e nelas se conforma
a verdade integral em firmeza e energia.

Depois o livro-base, essa pedra angular
que o Mundo Espiritual implantou no planeta,
livro da razão, mais que o Sol, um Cometa
que arrasta em sua cauda a terra, o céu e o mar.

E depois o tratado da mediunidade,
livro-guia da nova comunicação,
nascido da pesquisa e da revelação,
Código LM em que brota a Verdade.

E após, num desafio aos segredos do Eterno,
rasgando véu da sombra e os mitos da mentira,
A Gênese que espanca as ameaças da ira
esse golpe de luz: o livro o Céu e o Inferno.

Duas asas de fogo abertas no infinito,
rompendo a escuridão do Cosmos e da Morte,
numa visão de fé da nossa própria sorte
que afugenta da mente as causas de conflito.

Era essa a ave divina, a encarnação da luz,
que as trevas devoravam em nome de Jesus.

VI

Feita a consumação, o Sínodo dos Bispos
dissolveu-se ali mesmo e somente os Cardeais,
que haviam preparado uns pitéus divinais,
ficaram no recinto a lambiscar petiscos.

– Libertos da canalha, agora vamos nós
participar em paz da ceia dos cardeais,
saboreando afinal os pratos especiais!
(Isso disse o mais velho adocicando a voz).

– O primeiro pitéu, expôs o maioral!,
é que o mal se acabou entre os filhos de Deus.
Alguns são menos bons, pobrezinhos, plebeus,
e assim vão residir na Favela do Umbral.

Isso é de grande alcance e os bispos não manjaram.
Já livres de suspeita, agiremos sem peias,
como aranhas fiando em paz as nossas teias
em que as moscas humanas sempre se enredaram.

– Nada como a experiência aprimora a malícia!
(disse esfregando as mãos o cardeal menos velho)
Jesus deu bom exemplo através do Evangelho
e os devemos seguir na ação cardinalícia.

– A ação cardinalícia! É exato, meu amigo!
(exclamou Dom Miguel, o ex-cardeal de Espanha)
Que seria de nós, não fosse a nossa manha,
com essa ave a voar e nos pôr em perigo!

Esses bispos que nunca alcançarão o céu
(observou piscando o velhote Chardon)
nunca vão saborear um prato sem garçom
servido por um anjo em forma de pitéu!

Que alegria no olhar! Saíram tão contentes!
Pensam que a ave-mãe só foi purificada.
Mataram-na sem dó. Comeram-na à fartada.
E ainda agora estão a palitar os dentes.

– São crianças, notou o cardeal português.
Deviam retornar, ainda nesta existência
como bispos de novo e aumentar a experiência.
Ainda vivem a sonhar com o “Era uma vez...”

– Outro belo pitéu é a linguagem fingida
(exclamou sorridente o cardeal de Paris)
que não diz sem dizer e nem dizendo diz.
Quanto têm de aprender esses bispos na vida!

– Quando moço eu também me enganava com tudo
(murmurou a cismar o cardeal italiano)
uma jovem fatal, um sonho, o Vaticano...
Depois envelheci, prefiro ficar mudo.

– Esses bispos, porém não são jovens assim.
Alguns deles já são bem passados em anos.
deviam saber que sempre, em nossos planos,
há lugar para o não e lugar para o sim.

– Dom Fabrizzio! gritou o cardeal mais antigo.
hora de calar! É hora da mudez!
Não queira revelar os truques do xadrez.
Não há maus. Somos bons. Mas há sempre um perigo!

Mas apesar do aviso o toque da saudade
em todos despertara a sensibilidade.

VII

Cada bispo ao sair levou a tiracolo
o verdugo umbralino a que estava amarrado.
os cardeais, ao revés, traziam escravizado
um verdugo servil rastejando no solo.

À evocação fatal da antiga encarnação,
os olhos dos cardeais lacrimejavam tanto
que os verdugos, em pé, se entregaram ao pranto...
Gritavam com voz grossa em tom de cantochão.

Envolvidos no sonho, errando na distância,
os cardeais não ouviam os lamentos do Umbral.
Continuaram a cismar lembrando cada qual
a mocidade heróica e alegrias da infância.

– Ah, disse o mais antigo, de alva cabeleira,
que saudade da Espanha, essa terra cristã,
onde coisas como esta ou encencas do Islã,
resolvíamos sempre ateando uma fogueira!

Nada nos impedia agirmos à vontade.
Nosso amor pelo Cristo impunha-se viril
no fogo salvador ou no garrote vil.
Vivíamos na lei da pura Cristandade!

Ó, heróica Madri de juízes implacáveis!
Barcelona queimou a Codificação.
A andaluza Sevilha erguia o seu brasão
em noitadas de ferro e sangue memoráveis!

Silenciou o cardeal, os olhos marejados,
e um suspiro escapou dos seus lábios magoados.
Dom Fabrizzio exclamou: Que saudades da Itália,
que vigoroso amor o nosso por Jesus!
Foi Roma que inventou o suplício da cruz
para glorificá-lo em sudário e mortalha.

A bela catedral de São Pedro e São Paulo
foi sempre o meu refúgio em tempos que lá vão!
De um lado o velho Pedro e de outro o jovem Saulo
proclamam o poder sem par da conversão.

Quanto amei nessa terra em puríssimo ardor
Vigilante que eu era em todos os processos
meti no calabouço alguns padres possessos
e outros mandei queimar. Mas tudo por amor!

Suspirou o cardeal e caiu no mutismo,
nostálgico, a lembrar o antigo Cristianismo.

O terceiro evocou, tristonho, a velha França
dos seus tempos de herói nas ruas de Paris,
quando moço arriscara a vida por um triz
na mais gloriosa noite, ordenando a matança.

Oh, noite imemorial de São Bartolomeu!
Uma jovem que amei, donzela suave e pura,
fi-la tombar à espada numa esquina escura.
Entreguei-a à Jesus. Era infiel: morreu.

Mandei rezar por ela uma missa às ocultas,
Comprei flores e enviei à sua sepultura.
Era uma encantadora e doce criatura.
Não podia ficar, como outras, insepulta.

Soluçou o cardeal. Tinha os olhos em brasa.
Levou a mão ao peito: Essa emoção me arrasa!
E temia morrer ao voltar para casa.

O quarto estremeceu: Ah, como é diferente!
Sim, como é diferente o amor em Portugal!
Nosso amor por Jesus, em Lisboa ou no Porto,
não era assim violento, assim fero e brutal.
Dávamos ao herege uma cela somente,
em que ele, arrependido, acabaria morto
pela própria exaustão, de modo natural.

Como era bom, assim poupá-lo das torturas,
deixá-lo sossegado a procurar o Cristo
no cilício comum das próprias amarguras.
Caía geralmente em transe nunca visto,
logo se inteiriçava e os anjos o atendiam.
Morria suavemente e buscava as alturas.

Nas regiões infernais fui sempre socorrido
por almas divinas luminosas e puras,
que me diziam sempre haver-se redimido
no silêncio ideal das celas sem torturas.
Por isso aprovo agora expungir-se a maldade
das sublimes lições do Meigo Nazareno.

Não vivemos no inferno, embora os palavrões,
os crimes a matança e o horror dos assaltos
sejam hoje comuns neste mundo terreno.
Talvez chamando bons a todos os vilões,
tirando ao dicionário os termos menos altos,
consigamos fazer da Terra um paraíso,
um mundo menos mau, com gente de bom siso.
Embora, na verdade, eu creia que isso cabe
ao sublime Jesus no Dia de juízo.
Mas Deus é lá quem sabe!

Mergulhou-se o cardeal, perplexo, em mudez.
A verdade brilhava em límpida nudez.

VIII

Kardec, tristemente, enviou a Deus
uma sentida prece de perdão.
Compreendia que o homem, seu irmão,
não superara a lei dos fariseus.

Heranças milenares o impediam
de compreender a luz do Espiritismo.
O coração do homem é um abismo
em que as sombras do mal se debatiam.

Lembrou-se da batalha sem quartel
que enfrentara em Paris para legar
à humanidade um código sem par
que ela transforma em Torre de Babel.

Quanto sofrera parecia inútil
ante a visão que ali o assombrara.
A Codificação se revelara
grave demais para esse homem fútil.

Que mais restava? Só pedir perdão
para si mesmo e para todos quantos
julgando-se mais santos do que os santos
destruíam-lhe a Codificação.

Kardec olhou o céu em busca de Jesus.
Por toda parte a treva. O céu não tinha luz.

Ficha de Identificação Literária

J. HERCULANO PIRES nasceu em 25/09/1914, na antiga Província do Rio Novo, hoje Província de Avaré, Zona Sorocabana e desencarnou a 09/03/1979, em São Paulo; filho do Farmacêutico José Pires Corrêa e da pianista Bonina Amaral Simonetti Pires. Fez seus primeiros estudos em Avaré, Itaí e Cerqueira César. Revelou sua vocação literária desde que começou a escrever. Aos 9 anos fez o seu primeiro soneto, um decassílabo sobre o Largo São João, da cidade natal. Aos 16 anos publicou seu primeiro livro, *Sonhos Azuis* (contos), e aos 18 o segundo livro, *Coração* (poemas livres e sonetos). Já possuía seis cadernos de poemas na gaveta, colaborava nos jornais e revistas da época, da província de São Paulo e do Rio. Teve vários contos publicados com ilustrações na *Revista da Semana* e *No Malho*. Foi um dos fundadores da União Artística do Interior, que promoveu dois concursos literários, um de poemas, pela sede da UAI em C. César, e outro de contos, pela Seção de Sorocaba.

Mário Graciotti o incluiu entre os colaboradores permanentes da seção literária de *A Razão*, em São Paulo, que publicava um poema de sua autoria todos os domingos. Transformou (1928) o jornal político de seu pai em semanário literário e órgão da UAI. Mudou-se para Marília em 1940 (com 26 anos), onde adquiriu o jornal *Diário Paulista* e o dirigiu durante seis anos. Com José Geraldo Vieira, Zoroastro Gouveia, Osório Alves de Castro, Nichemja Sigal, Anathol Rosenfeld e outros promoveu, através do jornal, um movimento literário na cidade e publicou *Estradas e Ruas* (poemas) que Érico Veríssimo e Sérgio Milliet comentaram favoravelmente. Em 1946 mudou-se para São Paulo e lançou

seu primeiro romance, *O Caminho do Meio*, que mereceu críticas elogiosas de Afonso Schmidt, Geraldo Vieira e Wilson Martins. Trabalhou como repórter, redator, secretário, cronista parlamentar e crítico literário dos *Diários Associados*. Exerceu essas funções na Rua 7 de Abril por cerca de trinta anos. Autor de oitenta livros de Filosofia, Ensaaios, Histórias, Psicologia, Parapsicologia e Espiritismo, vários de parceria com Chico Xavier, e lançou recentemente a série de ensaios *Pensamento da Era Cósmica* e a série de romances e novelas *Ficção Científica Paranormal*. Alegava sofrer de grafomania, escrevendo dia e noite. Não tinha vocação acadêmica e não seguia escolas literárias. Seu único objetivo era comunicar o que achava necessário, da melhor maneira possível. Graduado em Filosofia pela USP, publicou uma tese existencial: *O Ser e a Serenidade*.

Amigo(a) Leitor(a),

Se você leu e gostou desta obra, colabore com a divulgação dos ensinamentos trazidos pelos benfeitores do plano espiritual. Adquira um bom livro espírita e ofereça-o de presente a alguém de sua estima.

O livro espírita, além de divulgar os ensinamentos filosóficos, morais e científicos dos espíritos mais evoluídos, também auxilia no custeio de inúmeras obras de assistência social, escolas para crianças e jovens carentes, etc.

As obras espíritas nunca sustentam, financeiramente, os seus escritores; estes são abnegados trabalhadores na seara de Jesus, em busca constante da paz no Reino de Deus.

Irmão W.

“Porque nós somos cooperadores de Deus.”

Paulo. (1ª Epístola aos Coríntios, 3:9.)